

EDIÇÃO II

NOVEMBRO 2024



Regina Milites

IPSA CONTERET



A ENCARNAÇÃO DO VERBO

O ERRO DO TRADICIONALISMO FILOSÓFICO DO SÉCULO XIX E
SUA HERANÇA | A INFILTRAÇÃO PERENIALISTA HOJE | RISCOS
ESPIRITUAIS DO SEDEVACANTISMO | A LINHAGEM DE MARIA |
OUTROS TEXTOS

REGINA MILITES

estudosnacionais.com/reginamilites

INSTITUTO ESTUDOS NACIONAIS
estudosnacionais.com

Edição

Cristian Derosa

Conselho editorial

Equipe Regina Milites

ESTUDOS NACIONAIS
PUBLICAÇÕES
2024

A ENCARNAÇÃO DO VERBO

O ERRO DO TRADICIONALISMO
FILOSÓFICO DO SÉCULO XIX E SUA
HERANÇA | A INFILTRAÇÃO PERENIALISTA
HOJE | RISCOS ESPIRITUAIS DO
SEDEVACANTISMO | A LINHAGEM DE
MARIA | OUTROS TEXTOS



EDIÇÃO II

SUMÁRIO

<u>Editorial</u>	<u>6</u>
<u>A encarnação do verbo e seus inimigos</u>	<u>9</u>
<u>O erro do Tradicionalismo Filosófico do século XIX e sua herança</u>	<u>21</u>
<u>A descendência da Mulher na história da Igreja</u>	<u>29</u>
<u>O risco espiritual do sedevacantismo</u>	<u>44</u>
<u>Milenarismo e Historicismo – A tentação da Serpente na História</u>	<u>51</u>
<u>“Sou Aquela que está na Trindade Divina”</u>	<u>61</u>

Quando Agem como Lobos entre as

Ovelhas 69

(A Impostura Perenialista) 69

Wolfgang Smith: ciência, perenialismo e

gnose cristã 76

Alquimia e caos – Um reflexo das antigas

heresias 87

Concedei-nos,
Mãe e Senhora nossa, que assim como o
guerreiro não escolhe o teatro de batalha e está
disposto a fazer, em qualquer campo, o
holocausto de sua vida, assim também saibamos
lutar contra os inimigos – velados ou declarados
– de vosso Nome e da Santa Igreja, onde quer
que sejamos mandados: tanto no anonimato
quanto na glória, tanto no heroísmo invisível e
como que impalpável da existência prosaica de
todos os dias, quanto nos lances trágicos dos
acontecimentos que vossa mensagem de Fátima
prenuncia.

Essa graça nos Vo-la imploramos como favor do
qual não somos dignos; e se não estremecemos
diante de tudo o que ela significa, é que sabemos
poder confiar, com confiança sem limites, no
vosso Coração Imaculado, força dos fracos,
esperança dos desvalidos, refúgio e consolação
dulcíssima dos humildes. Amém.

(ORAÇÃO COMPOSTA POR PLINIO CORRÊA DE
OLIVEIRA)

EDITORIAL

A segunda edição da revista REGINA MILITES se propõe a dar continuidade aos alertas que constituem a meta principal desta publicação on-line. Submetida a toda a obediência à Santa Igreja, sua hierarquia, buscamos denunciar o erro onde ele se encontra, especialmente os erros mais sutis mas que nem por isso deixam de arrasar a fé dos simples e matar a Graça neles, sendo objeto de escândalo intelectual e culpados do verdadeiro homicídio da alma. São estes, portanto, merecedores do mesmo castigo e punição preconizada pelo Verbo Encarnado em São Mateus, 18,6: “Mas, se alguém induzir a pecar um destes pequeninos que creem em mim, seria melhor que ele amarrasse uma pedra de moinho no pescoço e se afogasse nas profundezas do mar”. O escândalo,

como pecado contra o 5º Mandamento, isto é, “não matarás”, destrói a capacidade de amar, crer e santificar, impondo uma barreira imaginativa, racionalista e intelectual, às almas que desejam amar a Deus, tornando-as insensíveis aos apelos do Espírito Santo. Constituindo-se como verdadeira esterilização da fé, o intelectualismo racionalista e naturalista propõe caminhos diversos, supostamente mais aprofundados que a santa humildade dos santos, erros cuja malícia precipita o coração para a maldade do vício e atrai para baixo da maneira mais abominável, ainda que se disfarce de grande benevolência, compreensão e beleza poética, teórica e filosófica. O erro do Tradicionalismo Filosófico, corrente do século XIX pouco conhecida por católicos da atualidade, gerou inúmeros problemas tendo sido condenado formalmente no Concílio Vaticano I, mas nem por isso tendo diminuído sua intensidade com a vaidade de teólogos e leigos que se embrenharam na tentativa de uma babel racional, ainda que este esforço tenha sido motivado por suposto zelo doutrinal. Faltou prudência naqueles espíritos que, ao invés de se humilharem pela via

proposta por Maria Santíssima, a da obediência à Graça e às moções do Espírito Santo, procuraram trilhar os próprios caminhos e viver dos esforços humanos meramente, tendo sido por isso abandonados pela mesma Graça que desdenharam.

Também nos ocupamos na presente edição do antídoto para tudo o quanto se erra nesta matéria: a mais perfeita devoção e caminho espiritual existente apenas na Santa Igreja: a escravidão a Nosso Senhor pelas mãos santíssimas da Virgem Maria, Sua e nossa Mãe, modelo mais do que perfeito.

Alinhados ao Tempo Litúrgico que principiamos neste final de 2024, dedicamos esta edição ao dogma dos dogmas, à mais combatida das verdades pelas heresias deste mundo, o dogma da Encarnação do Verbo.

NOTA DE REPARAÇÃO

A presente edição não poderia deixar de fazer uma justa reparação de uma imprudência imperdoável cometida na edição inaugural: trata-se da publicação do artigo “O demônio da distração”, de autoria do físico e filósofo Wolfgang Smith, já retirada do original publicado no site de nossa revista. Ainda que o artigo não tivesse erros teológicos ou filosóficos perceptíveis, a razão para a exclusão e a presente reparação é bem explicada no artigo desta edição, de autoria de Marcos Akira D’Ávila, intitulado *Wolfgang Smith: ciência, perenialismo e gnose cristã*, cujo autor é especialista no assunto e fez uma análise pormenorizada da possibilidade de Smith estar, em suas últimas obras, precipitando-se para o caminho do erro gnóstico, o qual sabemos e alertamos ser em nossos dias o mais malicioso e perigoso erro, já que se traveste de mil formas eruditíssimas e bem apresentadas. Ora, faz parte da política editorial e dos princípios da revista

Regina Milites o cuidado com a ortodoxia católica mais estrita, sem qualquer apreço por especulações filosóficas que fujam da doutrina verdadeira, único meio de união com Deus proposto por Ele próprio. Se pesam dúvidas sobre a ortodoxia do mencionado físico, não encontramos em nossa consciência qualquer razão para o mantermos em nosso conteúdo, sob pena de divulgarmos erros entre nossos leitores e sermos por isto responsabilizados no dia do Juízo.

Salve Maria Santíssima!



DOGMAS E HERESIAS

A ENCARNAÇÃO DO VERBO E SEUS INIMIGOS

Regina Milites

As primeiras heresias negavam o dogma da Encarnação, o que podemos ver claramente em muitos erros atuais que emanam da mesma soberba racionalista dos que visam um caminho “mais aprofundado” de cristianismo. Eis a cilada do demônio.

A Igreja está entrando nestes meses no tempo do Advento, período que abrange principalmente o grande dogma da Encarnação do Verbo. Este tem sido, desde o início do cristianismo, uma das verdades mais atacadas pelas heresias de todos os tempos. Isso inclui muitos erros contemporâneos bastante conhecidos. Tenhamos em conta, inicialmente, uma definição esclarecedora para, em seguida, entendermos quais foram os inimigos históricos do dogma e seus legados atuais ocultos em diversas movimentações intelectuais.

A constituição do dogma

A Encarnação, início da redenção humana, já prometida por Deus na queda de Adão; isso é exprimido explicitamente pela Igreja:

*E por nós, homens, e para nossa salvação
desceu dos Céus. E encarnou pelo Espírito
Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez
homem (Símbolo
niceno-constantinopolitano).*

Finalmente, a Encarnação é o mistério pelo qual o Verbo, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, sem deixar de ser Deus, assumiu a natureza humana:

Sendo Ele de condição divina, não Se prevaleceu de Sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-Se aos homens (Fl 2,6s).

É importante ressaltar que Cristo não deixou de ser Deus, já que “em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2,9).

Cristo é, portanto, o Verbo que uniu a Si mesmo, Deus, a natureza humana. Essa união ocorre sem misturar as naturezas e se dá na única Pessoa do Verbo, por isso é chamada de união hipostática, porque se realiza na pessoa.

Jesus Cristo tem, pois, duas naturezas distintas (diafisismo): a divina, que tem por direito desde toda a eternidade; e a humana, que tem por

admissão no tempo. Todavia, apenas uma Pessoa que dá suporte em ambas as operações (ou natureza). De maneira que toda ação de Cristo é ação de Deus, pois Ele é Deus (cf. Jo 1,14 citado acima).

Jesus é verdadeiro (e totalmente) Deus e verdadeiro (e totalmente) homem:

Sendo Ele de condição divina (...) sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz (Fl 2,6.8).

Os principais inimigos do dogma

De maneira geral, no passado já muitas heresias buscaram negar este dogma. Entre as principais estão:

- Docetismo: Nega a realidade da humanidade de Cristo

- Arianismo: Defende que Cristo não é divindade, mas sim criado pelo Pai e subordinado a Ele;
- Monofisismo: Defende que a natureza humana de Cristo foi fundida e incorporada à natureza divina;
- Nestorianismo: Surgiu em torno das naturezas humana e divina do Filho;
- Macedonianismo: Fundado no século IV pelo Bispo Macedônio I de Constantinopla.

A explicação a seguir foi extraída de um trecho do livro *Hereges e Heresias*, do Frei Mariano Diexhans O.F.M. (1ª Edição, 1946), que expõe as principais heresias da seguinte maneira, iniciando a sua exposição a partir da heresia nestoriana:

“Nestorianismo

Com as heresias sobre a SS. Trindade, a doutrina católica ficou mais clara, pelas definições formuladas. O Verbo ou o Filho de Deus é verdadeiro Deus, a segunda Pessoa da SS. Trindade. E no tempo, o Verbo aceitou a nossa

natureza humana, recebendo-a de Maria Santíssima.

Uma outra pergunta levantou-se então: que relação têm entre si as duas naturezas, a divina e a humana, na única Pessoa de Jesus Cristo?

Nestório quis resolver este problema que em si é o mistério da Encarnação e começou por negar o próprio problema que queria resolver. Afirmou que em Jesus, se há duas naturezas, há também duas pessoas, portanto, uma natureza humana pertencente a uma pessoa humana, e a natureza divina pertencente à segunda pessoa da SS. Trindade, e que a união entre estas duas pessoas com suas naturezas, se fazia quase como em nossa união com Deus, pela graça santificante. Por causa de sua perfeição e santidade, o homem Jesus Cristo teria merecido que sua humanidade fosse mais estreitamente unida com a divindade. Assim Nestório negava simplesmente o mistério da Encarnação. Este, segundo a doutrina católica diz que o próprio Deus se tornou homem havendo a segunda Pessoa da SS. Trindade

assumido nossa natureza sem perder a sua natureza divina, de tal forma que nele há duas naturezas, a saber a divina desde a eternidade, e a humana desde o momento da Encarnação, mas uma só Pessoa, a saber a divina, que está em poder tanto da natureza humana como divina.

Numa nefasta mas lógica consequência, Nestório afirmou ainda que Maria Santíssima não podia ser chamada Mãe de Deus, pois teria dado a natureza humana apenas à pessoa humana em Cristo, a qual só depois foi ligada à Pessoa do Filho pela graça.

Nestório viera como Ário, de Antioquia, imbuído de racionalismo. E como a história mostra, foi orgulhoso e tenazmente obstinado em suas opiniões. Daí pode-se compreender o motivo por que queria explicar tão facilmente o mistério.

A defesa da doutrina católica, neste ponto, foi tomada logo por São Cirilo de Alexandria. Em cartas, mostrou a Nestório o erro de sua

doutrina, mas este não lhe quis prestar atenção nem consideração.

E quando o herege deu falsas informações ao Papa Celestino sobre suas opiniões, também Cirilo apressou-se em avisar ao Sumo Pontífice do erro em que Nestório laborava.

Celestino, numa reunião em Roma, examinou a doutrina nestoriana e a condenou como falsa. Nestório não se quis submeter, por isto no terceiro concílio ecumênico de Éfeso, em 431, foi solenemente condenada sua doutrina e ele mesmo, obstinado no erro, foi deposto do seu episcopado de Constantinopla e desterrado para o Egito, onde morreu depois de 450, ainda aferrado à sua opinião errada.

No próprio concílio, ele e seus amigos já tinham tentado perseguir e maltratar os bispos que defendiam Maria Santíssima como verdadeira Mãe de Deus, mas o povo efesino tinha aceito com júbilo a decisão dos bispos.

O erro de Nestório que entre as heresias figura sob o nome de nestorianismo, espalhou-se muito no oriente, chegando até a China, onde ainda no século 16 foram encontrados nestorianos.

Monofisitismo

Um erro provoca facilmente o erro contrário, se na defesa da verdade alguém se deixa arrastar por motivos naturais e não procura simplesmente guiar-se pela Fé divina.

No mistério da Encarnação, isto aconteceu. Em reação ao nestorianismo, apareceu o monofisitismo. O nestorianismo dissera que em Jesus Cristo há duas pessoas distintas, assim como duas naturezas distintas, a humana e a divina. O monofisitismo, ao contrário, afirmou que n'Ele, assim como há uma só pessoa, há também uma só natureza. Novamente faziam os hereges o que já notamos em outros, atrás resolviam a dificuldade, negando que houvesse dificuldade a resolver.

É verdade que ninguém pode imaginar nem formular, como a natureza imutável de Deus se possa misturar com a humana a ponto de formar uma única, e de fato foram muitas as tentativas e modos de tornar admissível tal doutrina em si absurda. Mas os alexandrinos gostavam sempre de ideias e opiniões pouco compreensíveis e diziam: Crê firmemente e não procures muito o entendimento (isto é, a compreensão). O que é claramente contra a doutrina da Igreja que com São Paulo diz ser o nosso serviço de Deus “um obséquio racional” (Rom. 12, 1).

O erro do monofisitismo (mono-fisis, quer dizer em grego, a língua falada naquele tempo: de uma só natureza) começou pela pregação e ensina de um certo Eutiques, superior de um mosteiro em Constantinopla. Ele combatera o nestorianismo, mas pouco dócil e acessível a lições e conselhos, caiu no erro oposto.

Alexandria, porém, naquele tempo, tinha um bispo indigno de sua posição, que era até

usurpador, e muito político em suas afirmações e opiniões, de modo que causava grande confusão. Pois foi ele – Dióscoro – que começou a dar maior publicidade ao erro de Eutiques.

Quando no ano de 449 se reuniu o concílio em Éfeso, Dióscoro usurpou sua direção, tirando-a aos legados do Papa, não deixou ler a carta dogmática do Papa Leão Magno sobre a questão, ao contrário, aprovou o erro de Eutiques.

Flaviano, bispo de Constantinopla, que defendeu com firmeza a Fé católica, foi maltratado de tal maneira que morreu dias depois. Com toda razão o Papa Leão Magno chamou aquela reunião latrocínio, quer dizer, concílio dos ladrões...

Em 451, porém, pôde realizar-se o concílio ecumênico de Calcedônia, que aceitou unanimemente a dita carta de Leão Magno, exclamando: “São Pedro falou por Leão”, e definiu solenemente a doutrina católica que em Jesus Cristo as duas naturezas divina e humana,

ficam íntegras sem se misturar. Dióscoro foi deposto; mas a heresia que propugnara, continuou a causar muitas perturbações no oriente e ainda hoje é preponderante no Egito e na Abissínia.

A forma atual das heresias

Conhecendo de maneira genérica a cada uma das heresias que buscou contradizer o dogma da Encarnação, vemos o quanto elas podem se disfarçar de um cristianismo melhor ou mais adaptado a alguma circunstância. É o que vemos hoje, especialmente em relação ao arianismo. O padre Dwight Longenecker esclarece em um de seus artigos sobre os modos de disfarce da heresia ariana sob a forma do humanismo materialista, que também se apresenta como uma forma mais “humanizada” de cristianismo na atualidade.

“S. Atanásio, que lutou contra o arianismo, notou que os arianos eram teólogos sutis. Eles usavam uma linguagem ambígua e falavam em termos vagos. Estavam mais interessados no

cuidado pastoral do que no dogma. Também eram, em sua maioria, os mais letrados e das classes dominantes. O arianismo era uma forma de cristianismo muito mais confiável. Um Jesus como ser criado, subordinado ao Pai, era mais palatável intelectualmente do que a autêntica doutrina da Encarnação, que levou a dificuldades intelectuais a respeito da Santíssima Trindade.

Hoje, o arianismo assume uma forma diferente e chega até nós sob a forma de humanismo. Por “humanismo” quero dizer aquele sistema de crenças que toma o homem como medida de todas as coisas. Este humanismo é um conglomerado de diferentes crenças modernistas, mas o resumo de tudo é o materialismo: este mundo físico é tudo o que existe, a história humana é tudo o que importa e o avanço da raça humana, neste reino material, é a única coisa pela qual devemos lutar.

Infelizmente, mesmo dentro da Igreja a fumaça de Satanás buscou invadir por meio das fendas do

intelectualismo e da vaidade racionalista, da soberba em dialogar com o demônio, uma forma de suposto diálogo humano que enveredou-se para o mundano. Em busca de dar respostas ao liberalismo, ao comunismo e ao socialismo que se apresentava como mais “humano” que o cristianismo, muitos teólogos visaram uma adaptação perigosa, dando origem ao que se intitula “humanismo cristão”, iniciado pela filosofia personalista e adaptado por meio de uma busca por resposta ao existencialismo ateu. Estes caminhos, não raramente precipitam as almas mais piedosas e que não veem a necessidade de um treinamento filosófico apurado para a sua salvação, para uma via do erro e do relativismo que exclui completamente a realidade espiritual da vida humana, terminando por excluir e negar o próprio Deus.

GNOSTICISMO

O ERRO DO
TRADICIONALISMO
FILOSÓFICO DO SÉCULO XIX
E SUA HERANÇA

Cristian Derosa

Pouca gente sabe, mas o Concílio Vaticano I condenou um tipo de tradicionalismo que se apresentava como um contra-revolucionário e até ultramontano, mas seus membros visavam uma prática esotérica de base gnóstica.

Há uma razão histórica e intelectual que pode explicar o surgimento de René Guénon na França,

especialmente a partir de uma militância católica tradicionalista no início de sua vida, antes de declarar-se publicamente muçulmano. Guénon, que defendia a submissão da Igreja Católica a uma autoridade muçulmana como única forma de restaurar a ligação perdida com a sua “Tradição Primordial” na modernidade, teve mais de um antecessor que associava o catolicismo a uma certa escola mística de raiz esotérica e até maçônica. A história da ligação entre esoterismo e catolicismo nos ajuda a manter certa prudência diante de defesas um tanto genéricas da tradição ou, o que é pior, das “tradições”.

Embora as ligações entre a maçonaria e a Igreja Católica tenham sido frequentemente associadas à influência no Concílio Vaticano II, a história da tentativa de infiltrar-se no seio da Igreja por meio da fumaça de Satanás é longa e cheia de fatos pouco mencionados.

Desde o século XIX, um certo tipo de tradicionalismo que se opunha às ideias iluministas na França flertou de maneira bastante pública com

certas ideias espiritualistas em moda na época, embora associado ao ultramontanismo e frequentemente considerado integrado à chamada escola contra-revolucionária.

Foi por esta razão que o Concílio Vaticano I (1869-1870) condenou o chamado tradicionalismo filosófico em vários aspectos, especialmente a ideia de que a razão humana seria incapaz de conhecer a verdade sem a ajuda da revelação divina. Obviamente, afirmar o contrário estaria alinhado ao iluminismo, que defendia certa indiferença sobre a fé. Mas a distinção entre fé e razão acabou criando dois entes separados e defensáveis por escolas e grupos diversos, o que já não se pode chamar de autêntico tradicionalismo.

O tradicionalismo filosófico era defendido por Joseph de Maistre e outros tradicionalistas do século XIX, que acreditavam que a fé, e não a razão, era o único meio de alcançar a verdade, simplesmente invertendo os dogmas iluministas. Por essa razão, eles foram chamados de contra-revolucionários e louvados por muitos

católicos até hoje como mártires da Revolução. Mas a sutileza de suas influências espirituais não deve ser subestimada. O mal se oculta sob um véu belo e atrativo que pode enganar até mesmo as boas almas justas.

A condenação formal da Igreja àquele tipo de tradicionalismo veio na constituição dogmática "Dei Filius", onde o Concílio afirmou que a razão humana, apesar de limitada, tem a capacidade de alcançar verdades fundamentais sobre Deus e o mundo sem depender exclusivamente da fé. Essa afirmação, em si mesma e isolada do recado que estava dirigindo àquele erro francês, também dirigiu a outros problemas. Aquele tipo de tradicionalismo, infiltrado dentro da defesa papal do ultramontanismo, foi assim criticado por subestimar a capacidade racional do homem. Mas o que estava por trás era outra coisa.

Entre os autores cujas ideias foram rejeitadas estavam Joseph de Maistre e Louis de Bonald, que eram defensores de um tradicionalismo católico que atribuía à revelação divina a única fonte de

conhecimento verdadeiro, em oposição ao racionalismo emergente da época. As influências espirituais desses autores revelam, porém, a razão por trás das suas defesas da Igreja e da monarquia.

Aqueles autores trazem graves erros doutrinários contra a fé e a revelação, muito embora apareçam hoje defendidos por católicos zelosos da tradição. Joseph de Maistre sofreu grande influência do místico luterano Jacob Böehme. Além de maçom martinista, de Maistre também flertou com inúmeras ideias espiritualistas gnósticas.

Muitos católicos o defendem por um texto defendendo a infalibilidade papal. Entretanto, a sua defesa do Papa se devia à visão mais parecida a um hobbesianismo espiritualista, já que defendia que o Papa era infalível por ser um soberano. Para Maistre, todo soberano é infalível quando pronuncia sentenças irrecorríveis e associadas à tradição de um povo. Casualmente a tradição da França era o catolicismo.

Segundo a doutrina católica, porém, o Papa não é infalível por ser soberano, mas por seu poder ser dado diretamente por Cristo a São Pedro e seus sucessores, algo decorrente da Sucessão Apostólica, a descendência espiritual da Igreja como Esposa de Cristo. Defensor de um tipo de indiferentismo religioso típico da maçonaria, De Maistre tem inúmeros outros erros além do ecumenismo, muitos deles denunciados na obra “Joseph de Maistre Mystique”, de Émile Dermenghem. A obra aborda a influência de outro importante autor liberal, mas que paradoxalmente integrou-se à escola contra-revolucionária e ultramontana, o padre belga Félicité Robert de Lamennais.

Lamennais foi condenado por Gregório XVI na encíclica *Mirari vos*. Como explica o professor Carlos Nougué, em uma de suas aulas resumidas sobre a história da Igreja na França:

“Lamennais não foi só liberal; fora antes ultramontano e tradicionalista, ao modo de De Bonald e De Maistre, e seria depois socialista ‘utópico’, ao modo de Fourier. Não se creia,

todavia, que Lamennais padecesse algum transtorno de personalidade múltipla. Os três Lamennais têm uma raiz comum: em vez de, como devido, defender que o poder temporal deve ordenar-se essencialmente e diretamente ao poder espiritual quanto ao fim deste, que é Deus mesmo e a salvação das almas, Lamennais dividia a Igreja em duas, uma terrestre, outra celestial. Caberia à terrestre perseguir um fim imanente das sociedades humanas, ou a tradição conservadora e ultramontana, ou a perfeita democracia, ou o socialismo; e deveria fazê-lo independentemente do fim sobrenatural da outra Igreja, a celeste. Quase o mesmo trajeto percorreria Jacques Maritain no século XX: de ultramontano a liberal laicista e ecumenista”.

Ou seja, De Maistre era um liberal. Tanto que foi maçom, embora arrependido após ver os horrores da Revolução na França.

A fé de aluguel do conservadorismo clássico

Escritores associados ao conservadorismo clássico, como Edmund Burke, aparecem frequentemente festejados por católicos modernos. Mas suas ideias esboçaram meramente uma rejeição dos ideais revolucionários radicais através da defesa de uma fé deísta e genérica, podendo ser católica ou anglicana, como Burke. No fundo, trata-se do erro moderno do indiferentismo, apenas ilustrado com cores tradicionais atraentes ao homem moderno afastado da tradição católica e das sociedades tradicionais devido à imersão cultural num mundo hostil às verdades divinas.

Assim, esse conservadorismo clássico surgiu como primeiro bote salva-vidas contra-revolucionário após os banhos de sangue promovidos na França, provocando rejeição unânime das ideias iluministas quando aplicadas de maneira radical na política. Isso não as invalidou completamente, pelo contrário, fez com que suas versões atenuadas fossem preservadas justamente para salvá-las de seus erros. Implantados nos governos da Restauração, essas “novidades” revolucionárias foram vistas como conquistas irreversíveis das sociedades

modernas e inseridas num imaginário político que foi se fortalecendo no horizonte histórico imediato e de longo prazo. Isso conduziu o mundo às grandes guerras e, em última análise, à Revolução Bolchevique. O processo repetiu a dose no pós-guerra e na Guerra Fria, impondo um verdadeiro fosso histórico-cultural e imaginário entre a sociedade e o catolicismo, graças às instâncias substitutas do conservadorismo clássico, de raiz liberal e moderna, manifestados hoje pela chamada educação clássica e o humanismo cristão.

Tratou-se de louvar a carroça, e não os cavalos, pelo movimento, traçando a razão substituta da ética no lugar das virtudes teologais, trocando o Sumo Bem pelo Bem Comum, a filiação de Deus e a santidade pela cidadania e assim por diante. Qualquer proposta de retorno a uma era tradicional ou à Tradição, de maneira geral, passou a ser praticamente monopolizada pelos tradicionalismos filosóficos, filhos do espiritualismo e não do catolicismo, criadores de novas seitas e novos erros.

CONTRA-REVOLUÇÃO
A DESCENDÊNCIA DA
MULHER NA HISTÓRIA DA
IGREJA

Regina Milites

Santos marianos e ordens religiosas dedicadas à Mãe de Deus foram, ao longo da história, os mais perseguidas e atacadas pelo demônio, inimigo mortal daquela descendência

Quem quer que comece uma devoção profunda e radical a Nossa Senhora, especialmente por meio do Rosário, missas diárias e adoração ao Santíssimo Sacramento, percebe imediatamente uma onda de ataques, provações e, ao mesmo tempo, graças sensíveis. Há razões para isso e ela está impressa na história da Igreja através das ordens religiosas e

grandes santos do passado. Isso não quer dizer que a presença de provações seja um sinal de santidade alcançada, pelo contrário, é uma proposta e um sinal de filiação, de um amor divino através do qual Ele nos deseja preparar para o Céu. Os escolhidos pela Rainha são provados porque grandes graças lhes são oferecidas.

Há dois séculos, uma linha de pensamento sociológico católico tradicional tem se organizado de maneira espontânea através de autores e santos católicos, reunindo nomes que falaram do fenômeno chamado “Revolução”, há séculos engendrado pelo demônio para inverter o Reino de Cristo na Terra por diversos meios. Este fenômeno tem sido identificado como um dos inimigos finais da Igreja, iniciado para subverter a ordem cristã alcançada na Idade Média e, portanto, defensor de tudo o que a combate e inverte. Por esta razão, o Iluminismo pode ser considerado a primeira implementação de um sistema filosófico e cultural, científico e tecnológico com o fim de subverter o mundo. Antes dos iluministas, porém, muita coisa ocorreu para torná-lo possível.

O mais conhecido autor contemporâneo a tratar do tema é certamente Plínio Corrêa de Oliveira. No entanto, ele está inserido nesta “descendência” ou linhagem que remonta a santos, profetas e escritores católicos unidos por uma mesma percepção acerca do problema da Revolução e, o que é mais importante, uniram-se em torno da solução para este problema: Maria Santíssima.

É possível identificar essa linhagem ao longo do tempo por meio de santos, ordens religiosas, congregações e iniciativas diversas, trilhando um caminho que foi sendo confirmado nos últimos séculos pela própria Virgem Maria em suas aparições.

Inspirada no Gênesis e na promessa de divisão entre a Mulher e a Serpente, mas embasada numa série de outras dualidades percebidas ao longo da história da Igreja, essa linhagem corresponde à mais perfeita devoção à Santíssima Virgem. Não por acaso, portanto, foi na Verdadeira Devoção proposta por São Luís Maria Grignion de

Montfort que essa linhagem encontrou seu principal método.

A origem

Tal linhagem de Maria se originou antes mesmo de Nosso Senhor, por volta do ano 980 a. C., a partir de Santo Elias, o profeta que aniquilou os falsos profetas de Baal, degolando-os após provar a sua falsidade diante do Deus Verdadeiro. Como último profeta de Israel do seu tempo, Santo Elias também representou o heroísmo dos mártires contra um mundo dominado pelas potestades infernais dos falsos deuses, não tão distante do que se tornou o mundo moderno. Em uma interpretação tradicional da Igreja, Elias é visto como primeiro devoto da Virgem Maria. Antes de refugiar-se no Monte Carmelo, que séculos mais tarde abrigou uma das mais importantes ordens marianas da Igreja, Elias, com a autoridade profética concedida por Deus, anunciou a volta da chuva que foi vista a partir de uma pequena nuvem no céu. Esta nuvem é símbolo de Nossa Senhora por antecipar a bênção

dos céus representada mais tarde pela vinda de Nosso Senhor por meio de Maria.

O termo “Carmo” corresponde ao Monte Carmelo, no Oriente. Ali, segundo uma tradição, o Profeta Elias reuniu um grupo de discípulos e com eles constituiu a Ordem do Carmo, em louvor da Virgem Mãe que deveria vir, e na espera d’Ela. Portanto, o primeiro filão de devoção a Nossa Senhora, séculos antes de Ela nascer, foi formado pelos filhos do Profeta Elias que A aguardavam. Não é por acaso que esta tradição levou a Igreja a exaltá-lo como o primeiro devoto mariano, já que na Basílica de São Pedro, no alto das paredes laterais, há uma série de imagens de Fundadores de Ordens Religiosas, onde consta a de Santo Elias, acompanhada da inscrição: “A Ordem do Carmo ao seu Fundador, Elias Profeta – 1727”.

De Santo Elias, arrebatado aos céus, saltamos para as aparições de Fátima, quando, em 13 de outubro de 1917, a Mãe de Deus apresentou-se como Nossa Senhora do Carmo, indicando assim o título do Triunfo do seu Imaculado Coração prometido pela

Virgem Santíssima. Alguns acreditam que Santo Elias, já que não morreu e sim foi arrebatado ao céu, voltará junto de Nossa Senhora no Seu Triunfo do Imaculado Coração, estabelecendo-se assim o prometido Reino de Maria, profetizado por São Luís de Montfort.

Na Idade Média



Ainda no período medieval, temos de Santo Elias, além da Ordem Carmelita, um legado expresso pela tradição ao mesmo tempo mariana e militar, combativa, em nomes como São Bernardo de Claraval, advogado dos Cavaleiros Templários e criador da sua regra. Mais tarde, Santo Domingos, São Francisco de Assis, entre muitos outros, expressões dos maiores santos da Igreja na sua maior e mais radical santidade como verdadeira prole de Maria. Mas a linhagem das ordens monásticas começou com os eremitas, os primeiros heróis da ascese.

Com o fim das perseguições em Roma, que serviam de grande oportunidade para a povoação do céu de mártires, muitos buscaram trilhar novas aventuras de santidade, dando início aos chamados Padres do Deserto, que ao contrário de representar uma “fuga”, era um avanço contra o demônio, que tradicionalmente era considerado um habitante do ermo, de onde tentara o próprio Cristo.

Os eremitas estimularam a vida monástica, criada por São Bento de Núrsia como a primeira ordem monástica.

Com o crescimento do monasticismo, surgiram diferentes ordens que se dedicavam aos aspectos que consideravam mais relevantes, para louvar a Deus, cada uma de certa forma compensando a outra naquilo que fazia ou deixava de fazer. No entanto, todas elas veneravam a Virgem Maria, Mãe de Deus, em maior ou menor grau.

Em 1534, surge uma das ordens religiosas mais combativas e conseqüentemente perseguidas da Cristandade: A Companhia de Jesus. Em Portugal, o caráter de milícia dos jesuítas era evidente, acabando por se tornarem a arma mais poderosa da Igreja contra os protestantes. O rei de Portugal, D. João III, aconselhado por Diogo de Gouveia, solicitou a Santo Inácio de Loyola o envio de irmãos para a evangelização do Oriente, o que foi desempenhado bravamente. Ainda em 1540, chegam a Portugal o basco Francisco Xavier (depois São Francisco Xavier) e o português Simão

Rodrigues. Este permaneceu no reino e aquele partiu para o Oriente em missão evangélica, chegando ao Ceilão e às Molucas em 1548, e à China em 1552. As missões iniciais no Japão tiveram como resultado a concessão aos jesuítas de um enclave feudal em Nagasaki, em 1580. No entanto, o receio em relação à crescente influência da ordem fez com que esse privilégio fosse abolido no ano de 1587.

Mas as tendências anticristãs do século XVIII, especialmente tingidas pela sujeira revolucionária, empenharam contra os Jesuítas grandes ataques, sabendo-a o mais forte baluarte da Santa Sé. Contra ela, dirigiram queixas políticas mais ou menos fundadas, suscitaram ódios em razão da bem-sucedida luta contra heresias como a dos jansenistas, a oposição ao galicanismo que levou a uma conseqüente adesão do Papa. Além disto, a Companhia possuía posição destacada e conquistada em cátedras com professores, pregadores e confesores e um certo predomínio científico manifestado tanto nos colégios como nas suas publicações. Uma ordem com tamanha ação e

efetividade não poderia ser permitida pelo príncipe deste mundo.

Os jesuítas foram responsáveis pela cristianização das Américas, especialmente da América do Sul e do Brasil, de onde foram injustamente expulsos por ordem do Marquês de Pombal, grande inimigo da Igreja. A ordem passou por inúmeros ataques e provações até ser suprimida em 1773 pelo Papa Clemente XIV. Mas uma obra específica da Companhia de Jesus permaneceu viva e obteve grande função da Igreja até meados do século XX: as Congregações Marianas.

As Congregações Marianas tiveram início em 1563, quando o jesuíta Pe. Jean Leunis criou um sodalício cujos membros se distinguiam por uma vida cristã e mariana fervorosa e pela prática de diversas formas de apostolado.

Em 1748, por meio do documento "Gloriosae Dominae", o Papa Bento XIV concedeu às Congregações Marianas especiais privilégios. Mesmo após a supressão da Companhia de Jesus

em quase todo o mundo, as Congregações Marianas continuaram a existir. Uma verdadeira rosa no meio de espinhos sustentada pela Mãe Santíssima.

Já no século XX, em 1948, o Papa Pio XII, pela Constituição Apostólica "Bis Saeculari" (BS), deu às Congregações Marianas o que passou a ser sua Carta Magna. As Congregações Marianas, como verdadeiras "escolas vivas de piedade e vida cristã operante", deram à Igreja pelo menos 63 santos canonizados e 45 beatos, 22 fundadores de Institutos Religiosos, mártires, missionários e inúmeros leigos de vida cristã exemplar.

Desde sua fundação, dos 31 Papas que ocuparam a Cátedra de São Pedro, nada menos que 25 eram Congregados Marianos, inclusive o Papa São João Paulo II, membro da Congregação Mariana da Escola Secundária de Wadowice, tendo sido até mesmo seu presidente, e Bento XVI, que se consagrou na Congregação Mariana do Seminário de Regensburg, na Alemanha.

No entanto, até mesmo as Congregações sofreram os males da Revolução, verdadeira arma mortal do demônio para os últimos tempos. De dentro das Congregações, porém, saíram importantes iniciativas, sobre as quais já falamos, que ingressaram numa via mais radical de catolicismo mariano. Um deles foi Plínio Corrêa de Oliveira, iniciador da TFP e inspirador de uma série de movimentos marianos combativos pelo mundo.

Plínio Corrêa pertence a uma outra linhagem de escritores que definiram o processo e o fenômeno revolucionário como forma de compreender os meios de ação do inimigo e pensar, a partir da tradição da Igreja, uma estratégia de guerra eficaz.

Durante a década de 30, Plínio Corrêa percebeu que, enquanto grande parte da Igreja era infiltrada por movimentos socialistas, modernistas e o progressismo católico, as Congregações Marianas estavam sendo seduzidas por um perigoso movimento que aparentemente oferecia uma forma de resistir ao progressismo. Era o Integralismo, que confundia fiéis e levava muitos ao erro. Foi então

que Plínio redigiu um relatório de denúncia para os católicos sobre os perigos do Integralismo, o que obteve sucesso. No entanto, o problema que levava muitos a caírem no erro do fascismo, a necessidade de uma combatividade mais radical, persistia. Esta foi uma das razões pelas quais foi criada, mais tarde, a TFP.

Antídoto contra-revolucionário: a Santa Escravidão

Nos últimos séculos, à medida que avançava a ação demoníaca sobre o mundo, muitos escritores católicos viram no fenômeno revolucionário a marca dessa permissão de Deus para uma nova onda de provações e purificação da Igreja. Há diversos nomes proeminentes desta linhagem que buscou exatamente resgatar a devoção mariana na sua radicalidade como único remédio contra os males do nosso tempo.

Entre eles estão o Monsenhor de Segür, Beato Pio IX, Mons. Gaume, Leão XIII, São Pio X, Mons. Delassus, G. Lenotre, Pe. León Dehon e Plínio Corrêa de Oliveira. O método para isso ficou

expresso na Verdadeira Devoção, de São Luís Maria Grignion de Montfort. Podemos dizer que esta linhagem mariana foi a única que permaneceu intacta contra os males revolucionários (e por isso também é chamada de “escola contra-revolucionária”). Outras linhagens se tornaram populares, mas sofreram diversos tipos de infiltração.

Em seu livro *O Segredo da Verdadeira Devoção à Virgem*, o padre Júlio Maria Lombaerde, confirmou a excelência e perfeição do método de Montfort como via espiritual altíssima. Mas alertou, assim como o santo francês, para os riscos de se banalizar e de uma fé indiferente ou tibia, o que invalida e distancia o fiel do mencionado “segredo” desta devoção.

Uma via aparentemente preservada

No livro mencionado sobre a santa escravidão a Maria Santíssima, o padre Júlio Maria Lombaerde cita três grandes vias espirituais de santidade no

catolicismo do seu tempo, naquele não tão distante início do século XX. Ele cita essas três:

- 1.A via de Santa Teresinha do Menino Jesus, baseada no abandono filial e na “pequena via” de santidade, focada na bondade de Deus.
- 2.A de Santa Margarida Maria Alacoque, baseada na intimidade com Deus através de um relacionamento com o Sagrado Coração de Jesus.
- 3.A de São Luís de Montfort, baseada na dependência total de Deus por meio de Maria Santíssima, como já explicamos.

A título de tese ou de hipótese histórica, podemos sugerir que, das três vias espirituais citadas pelo padre Júlio Maria Lombaerde, a terceira delas, a de Montfort, pode ter sido a única, senão a principal, a ser preservada de maneira mais ou menos intacta. De fato, segundo o autor do livro, é esta terceira a mais perfeita via de união com Deus. Mas e as outras?

É possível imaginar, observando o percurso do catolicismo moderno, que as duas vias anteriores foram certamente um tanto “deturpadas” pelo subjetivismo romântico moderno, fazendo da prática católica algo adocicado e sem profundidade, por mais incrível e paradoxal que isso possa parecer. De um lado, o foco de Santa Teresinha, na bondade de Deus, foi sequestrado pelos apóstolos da caridade social e do amor exclusivo aos pobres, assim como o termo “pequena via” acabou sendo reduzido em uma interpretação literal para facilitar ou atenuar as dificuldades da vida cristã. Da mesma forma, a intimidade com Deus por meio do Sagrado Coração, sofreu uma subjetivação indevida quando interpretada como uma fé interior apenas, destituída de qualquer obra exterior, de prática piedosa considerada como “escrupulosa” ou “meramente externa”. Concorrem para essa deturpação, respectivamente, a teologia da libertação e a filosofia personalista, dois males que impuseram ao catolicismo contemporâneo grandes danos, precipitando um sem número de almas ao

abismo das facilidades e às comodidades de uma porta larga que conduz ao inferno dos desavisados.

Dito isto, qual a razão para que a santa escravidão a Maria, pelo método de Montfort, seja visto como preservado diante de tudo isso? A causa teórica ou pastoral pode estar num maior apelo ao amor por meio da cruz e do sofrimento, o que foi ainda mais enriquecido pelas aparições mais importantes, entre elas as de Fátima.

O fato inegável é que quem deseja pertencer a essa linhagem será caçado e perseguido pela descendência da serpente, sedenta por armar ciladas ao seu calcanhar. Quando alguém se consagra a ela por meio do método de Monfort, ouve-se do inferno um brado de ira e desgosto. Esta linhagem mariana não é outra coisa, porém, que o próprio puro calcanhar “daquela que é terrível como exército em ordem de batalha”. Esmaguemos sua cabeça com o ódio perfeito e a inimizade ordenada pelo próprio Deus para que estejamos verdadeiramente em Seu nome e na Sua augusta presença.

DOCTRINA

O RISCO ESPIRITUAL DO SEDEVACANTISMO

Regina Milites

Durante a Idade Média, algumas vezes houve dúvidas sobre quem era o verdadeiro Papa, tendo em certo momento até três homens reivindicando a Cátedra de Pedro. Este e outros fatos representam uma justificativa para debates de internet nos quais essas dúvidas se manifestam popularmente. No período medieval, esse debate era travado por quem tinha autoridade legítima e divina para fazê-lo, isto é, os bispos. Ainda assim, mesmo sabendo que a Igreja viu ao longo de sua história diversos maus papas, e que o primeiro Papa, São Pedro, negou Cristo três vezes e ainda fugiu durante a Crucifixão,

assim como outros apóstolos, muitos aprendizes de teólogos virtuais insistem na tese sedevacantista.

Mas não se trata apenas de uma tese ou uma hipótese. O sedevacantismo é um cisma prático, uma navalha que corta a comunhão com a verdadeira Igreja de Cristo em sua definição mais fundamental. O alerta não é nosso, mas dos grandes santos que combateram as heresias mais perigosas como o gnosticismo.

Santo Irineu de Lyon, antes de enumerar todos os Papas desde Pedro até a sua época (século II), faz uma importante declaração sobre o que é e sempre será a Igreja Católica.

“Está ao alcance de todos, portanto, em cada Igreja, que desejam ver a verdade, contemplar claramente a tradição dos apóstolos manifestada em todo o mundo; e estamos em posição de contabilizar aqueles que foram bispos instituídos pelos apóstolos nas igrejas, e [demonstrar] a sucessão desses homens até os nossos tempos”¹.

¹ Contra as Heresias, Livro III, Capítulo 3.

A sua afirmação era uma resposta aos gnósticos que acreditavam numa evolução espiritual apoiada nos conhecimentos secretos da gnose, numa conexão difícil e por caminhos invisíveis a uma hierarquia misteriosa, desconhecida e também invisível. Os sedevacantistas, muitas vezes sem o perceber, defendem uma Igreja secreta, ocultada dos olhos dos católicos por uma conspiração maçônica que se aproxima da onipotência divina. Mas o mais grave da tese sedevacantista é justamente a ideia subjacente de que o povo simples, as piedosas almas que frequentam os Sacramentos com humildade e devoção, estas estariam sendo lesadas espiritualmente por um imenso tecido de mentiras e enganação conspiratória. A salvação e a verdadeira santificação estariam, assim, restritas apenas aos que compreendessem as maquinações políticas reveladas por influenciadores do Youtube, verdadeiros prelados do mundo moderno, com suas *inside informations*, seus argumentos lógicos e convincentes. Por trás disso está apenas uma imensa e quase inabarcável soberba, comum não apenas na modernidade, mas principal e

tristemente na juventude acostumada ao questionamento como modo de vida, ainda que em algum momento apenas coloriram essa desobediência fundamental com cores tradicionais, paramentos e atração meramente estética.

Eric Sammons, em um artigo para a revista católica norte-americana *Crisis Magazine*, recorda a necessidade da humildade em nossos tempos.

...Ter sérias preocupações sobre Francisco e ao mesmo tempo aceitar a legitimidade do seu pontificado exige humildade. Reconhece que nós, como católicos individuais, não temos autoridade para dizer quem é ou não o papa. Em vez disso, reconhecemos que Cristo fundou uma Igreja visível – com homens falíveis no comando – e que devemos permanecer nessa Igreja, reconhecendo os seus líderes visíveis, ou corremos o risco de sermos queimados.

Um dos maiores riscos espirituais do sedevacantismo diz respeito ao vício da revolta, de uma decisão na direção da rebeldia fundamental que esteve no grito de “Non Serviam” e que

justamente por isso atrai para o indivíduo uma tendência fortíssima para a dúvida em diversas outras matérias.

A prova disso está na grande contradição praticada por estes rebeldes quando eles renunciam formalmente à autoridade eclesiástica atual por causa de suas dificuldades com o Papa. Entre essas dificuldades, por exemplo, estão algumas afirmações recentes associadas a um certo indiferentismo religioso que domina hoje a mentalidade de boa parte do clero. Com base nisso, e justificados por isso, esses fieis sedevacantistas praticam o mesmo indiferentismo ao rejeitarem a Igreja muitas vezes em adesão ou simpatia a religiões ditas “mais tradicionais” ou mais preservadas, como as igrejas ortodoxas cismáticas e até o islamismo. Em alguns casos mais extremos, alguns desses neognósticos até mesmo deixam a Igreja para se tornarem apenas “de direita”, contra o sistema e apóstolos da “liberdade religiosa” e de expressão contra o totalitarismo do Great Reset. Sem o perceber, eles se associam ao já mencionado

sistema alternativo apresentado como o “despertar”, de raiz e essência gnósticas.

Se este caminho direto ao cisma não ocorre “necessariamente”, o que é verdade, a sua tendência clara e inequívoca já seria suficiente para termos ao menos uma dúvida muito convincente sobre a presença da Graça Santificante nestes católicos que rejeitam a autoridade papal apenas porque se sentem incomodados ou ultrajados pelo conteúdo que consomem na grande mídia com grande voracidade. A ação da Graça, assim como a guarda dos Santos Anjos inerente à frequência aos sacramentos, deveria protegê-los da soberba irrefreável e permanente que os empurra para fora da comunhão com a Igreja. Ademais, essa mesma graça que é fruto da vida sacramental os deveria conceder humildade ou, no mínimo, uma profunda e contrita dúvida sobre as suas próprias tendências e revoltas contra o sofrimento moral que Deus impõe a todos os cristãos. Quais forças estariam conduzindo uma tão pronunciada revolta contra os sofrimentos concedidos por Deus para a nossa santificação? E qual o objetivo de um tal

“esclarecimento” que no fundo apenas desliga o fiel da plena comunhão com a Igreja e o Magistério visível para “conectá-lo” a uma verdade invisível e com pré requisitos intelectuais que excluem a imensa maioria dos fieis? Além disso, o efeito prático do sedevacantismo muitas vezes leva a comunhões em estado de rebeldia ao menos indireta, isto é, a partir da frequência a ambientes por onde circula certa malícia contra a hierarquia sagrada, um claro sinal da ausência da graça. Não é raro que nestes ambientes os assuntos sejam as imposturas do clero em geral, de padres específicos, o que invariavelmente leva a comentários depreciativos sobre o Papa. Assim se vai gerando, nas almas, uma animosidade, uma indisposição, com a hierarquia, abrindo precedentes ao menos teóricos para a desobediência e a soberba. Bons tempos em que nos ambientes católicos reinava o silêncio e a cordialidade, que tinham função justamente de elevar os espíritos e evitar que se pecasse nestes locais ou fora deles.

Ora, a sucessão apostólica está nas pessoas dos padres, dos bispos e do Papa, e não numa fé

abstrata que poderia encarnar-se em qualquer outro tipo de clero, desde que este se “conectasse” àquelas verdades de fé por meios próprios. Este pressuposto, como já mencionamos em outras circunstâncias, leva à interpretação gnóstica propriamente e, de forma mais evidente, à tese perenialista que comunga da teoria de uma Unidade Transcendente das Religiões, isto é, de que todas as religiões levariam a um mesmo caminho. É claro que a esse respeito muitos tradicionalistas enumerariam argumentos contrários para provar a sua oposição a esta tese. Mas não se trata de uma confissão ou doutrina na qual creem, e sim de uma premissa presente na própria conduta de se romper com a hierarquia clerical acreditando estar, como indivíduo, plenamente autorizado a declarar a invalidade de toda a Igreja, seja do Concílio ou de uma eleição papal.

Tal pressuposto está inserido de maneira fundamental na tese modernista, que preconiza a autonomia e liberdade do indivíduo por meio de sua consciência.

HERESIAS

MILENARISMO E
HISTORICISMO – A TENTATIVA
DA SERPENTE NA HISTÓRIA

*“Porém daquele dia e hora ninguém sabe, nem os
anjos do céu, mas unicamente meu Pai.” -*

Evangelho de São Mateus 24,36.

Daniel Ferraz

O prof. Orlando Fedeli, inspirado em Ladislao Mittner, dizia que a gnose é um fenômeno do tipo cársico, isto é, aquele que aparece e desaparece, tornando-se ora visível ora oculto em seu percurso. Descrição pertinente quando tratamos dos problemas do milenarismo e do historicismo, que, por serem inspirados nas concepções gnósticas, contém a mesma estrutura. Além disso, aparecem

de diversas formas, dos Padres e intelectuais mais piedosos aos mais perversos. Ora como erro material, ora como planos determinados e formais.

O próprio Redentor, sendo o Logos Divino Encarnado, no Evangelho de S. Mateus 24,36 já fulminava a concepção milenarista da história, assim como S. João quando escreveu seu Apocalipse no final do primeiro século, seguia o ensinamento de Nosso Senhor Jesus Cristo ao propugnar que o fim último do homem é transcendente e que o Reino de Cristo não é deste mundo (Jo 18,36). Com efeito, o milênio de que falava S. João no Apocalipse não deve ser interpretado literal e imanente, pois trata-se de uma heresia sobretudo já condenada (Denzinger, 2296). Assim como o rio cársico, o milenarismo reaparece no seio cristão nascente, com Pápias de Hierápolis, discípulo do próprio S. João que já superara a questão milenarista com verdade e clareza. Pápias interpretara que haveria um Reino milenar imanente de Cristo junto aos eleitos que precederia o fim do mundo. A influência do Bispo de Hierápolis foi tão grande, que praticamente todos

os primeiros Pais da Igreja aceitaram com docilidade suas interpretações do Apocalipse, como o próprio Santo Irineu de Lyon que, condenando a falsa gnose em seu *Adversus Haereses*, também seguiu-se “ao lado” de Pápias em seu milenarismo cristão.

S. Agostinho – que em uma determinada época seguiu o erro milenarista – em sua magna obra *De Civitas Dei*, termina por expressar enfaticamente que o milenarismo trata-se de “fábulas ridículas”. Supera argumentando acerca da imortalidade da alma e seu devido fim. Por conta da enorme autoridade de S. Agostinho, o milenarismo papisiano entrou em decadência e aos poucos foi desaparecendo de circulação cultural.

Contudo, lembremo-nos da estrutura cársica da gnose!

JOAQUIM DE FIORE, MILENARISMO E HISTORICISMO

O abade cisterciense Joaquim de Fiore (1135-1202), defendia a tese milenarista e historicista de que o mundo dividia-se em três idades: a Idade do Pai (Antigo Testamento), a Idade do Filho (Novo Testamento) e a Idade do Espírito Santo (O Milênio).

Com esta tripartição, viria Joaquim de Fiore a fundar as triplas divisões históricas que influenciaram essencialmente às ideologias secularistas e modernas, a saber: o comunismo com as suas três etapas (comunismo primitivo, luta de classes e dissolução das classes no comunismo); o nacional-socialismo com o Terceiro Reino de Mil Anos; o liberalismo com a superação do Império, Estados-nação e a culminação da República Universal; a historiografia moderna (Idade Antiga, Média e Moderna); a Rússia com a concepção da Nova Roma, etc.

Devemos reparar que no esquema de Fiore e de todas as suas influências, segue-se uma espécie de “esvaziamento” histórico para o advento a posteriori de uma nova ordem.

Explica-nos Eric Voegelin em dois relevantes trechos de sua obra “História das Ideias Políticas Vol II. – Idade Média até Tomás de Aquino”, sendo o primeiro:

“A experiência revelatória de Joaquim foi necessária para acionar as potencialidades deste campo de sentimentos e criar uma nova configuração da história cristã. O passo decisivo foi a concepção do Terceiro Reino, não como um Sabbath eterno, mas como a idade derradeira da história da humanidade que se segue à dispensação do Filho. A civilização ocidental alcança neste processo a ideia de um futuro significativo neste mundo. A história da humanidade é uma progressão de evolução espiritual desde a lei natural pré-mosaica, passando pelas leis mosaicas e do Evangelho, até alcançar a plenitude da liberdade espiritual.”

O decurso da história se articula nos três reinos das três pessoas divinas e, uma vez que a estrutura interna é idêntica nos três períodos, a completude do Primeiro Reino fornece o padrão pelo qual compreendemos a estrutura do Segundo Reino, aproximando-se da realização plena. Podemos determinar, em termos rigorosos, o ponto alcançado no presente porque conhecemos a lei que preside todo o decurso e podemos, inclusive, prever eventos futuros.

O decurso de um reino abrange um período preparatório (de Adão a Abraão, 21 gerações) seguido pela initiatio (Abraão a Uzias, 21 gerações) e pela fructificatio (Uzias a Zacarias, 21 gerações), a última das quais é, ao mesmo tempo, o período preparatório para o próximo reino. Os reinos têm, pois, 42 gerações; e como a duração das gerações para o reino de Cristo é de 30 anos, o Segundo Reino terminaria em 1260. A data é antecipada para 1200 porque o Segundo Reino é precedido por um curto período preparatório das duas gerações precursoras,

de Zacarias e João Batista, de modo que Joaquim está no final do Segundo Reino e pode ser o profeta do Terceiro. O começo de cada reino é marcado por uma trindade de dirigentes, dois precursores e o dirigente do próprio reino com os seus doze filhos (Abraão, Isaac e Jacó com os seus doze filhos carnais; Zacarias, João Batista e Cristo, o homem, com seus doze filhos espirituais). O Terceiro Reino, depois de Joaquim, começará, portanto, com dois precursores a serem seguidos na terceira geração por um novo dirigente, um dux e Babylone, que será o fundador do Reino do Espírito.”

E no segundo:

“O dirigente do terceiro reino:

O elemento formal da especulação sobre o novo reino é o símbolo do dux, o líder. Denominamo-lo formal porque não estamos interessados aqui na liderança carismática enquanto tal (o que, obviamente, pode ocorrer sem relação com o problema da

estrutura secular), mas no modelo teórico que se liga ao despontar de uma era com o surgimento de uma personalidade simbólica. Neste contexto, observamos uma simplicidade extrema em Joaquim. Sua participação na introdução de uma nova era confinou-se à compreensão e exposição da ordem do mundo em benefício de seus coevos. Essa limitação permaneceu como elemento característico das especulações mais tardias porque, em nossa civilização cristã, a primazia simbólica do saeculum permaneceu na sombra de Cristo enquanto dux do saeculum cristão.

Um saeculum radicalmente novo teria de ser inaugurado por uma figura substituta de Cristo. Obviamente, a tendência de simbolizar uma época por meio da figura de um líder é forte, assim como geralmente o é a tendência a uma evolução de todo o padrão simbólico por ocasião de uma nova fundação.

Talvez o melhor exemplo seja a história do comunismo, que, apesar do pretense caráter

científico de sua teoria e da suposição de que um novo reino se deve à ação de forças desconhecidas, desenvolveu escritos canônicos, apóstolos, mártires, uma patrologia, heresias (desvios) e a figura do salvador – Lênin.

Mesmo no caso de Hitler, as interpretações messiânicas permaneceram no nível de mero exercício literário. Os líderes carismáticos de novos reinos do mundo ocidental não transcendem à estrutura intramundana implementada pela era cristã.”

O Reino antinomista inaugurado pelas concepções de Joaquim de Fiore revelam uma quimera determinista pela própria divindade, pois, se necessariamente haverá um Terceiro Reino de abolição e libertação, a Trindade enganou a todos nós e reservou única e exclusivamente para uma espécie de elite o deleite da paz eterna, o que contradiz veementemente as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo.

HISTORICISMO E SECULARISMO

A grande virtude cristã, no plano temporal, não foi a de modificar abruptamente todas as sociedades pela concentração de poder, mas de cristianizá-las pelas diversas vocações de seus membros: seja pela via cultural, intelectual, missionária, mística, etc. A uniformidade globalista, de abolir às sociedades orgânicas e tradicionais para, posteriormente, criar uma unidade artificial concentrada, nasce da concepção de que o cristianismo (e, portanto, a cristandade temporal) pode ser balizado igualmente às outras religiões e crenças. Esse laicismo revolucionário, oriundo das seitas secretas (ou discretas), como a Maçonaria liberal, e, sobretudo, do nominalismo acadêmico como causa intelectual primeira, nivela por baixo todos os credos e diviniza a máquina infernal do Estado, como principal racionalizador da vida humana, mesclando, portanto, poder temporal e autoridade espiritual.

Se no medievo, a organização da pólis é sintetizada pela Cristandade e, portanto, pela disseminação do

cristianismo em nível público e universal, conforme encontra-se nas Epístolas de São Paulo Apóstolo aos Hebreus e aos Romanos, já em Marsílio de Pádua e seu naturalismo político, o poder não emana de Deus, mas da vontade humana. Em sua principal obra, a “Defensor Pacis”, Marsílio de Pádua, diferindo da analogia cristã do encontro da natureza adâmica com a Graça santificante, defende o primeiro modelo do que posteriormente seria conhecido por Estado Laico (secular). Logo, poder temporal e autoridade espiritual seriam como espécies do mesmo gênero. A fé das sociedades deve repousar, neste sentido, não na esperança da salvação de suas almas, mas na auto-regulação do poder secular.

Marsílio de Pádua é a representação da “adolescência da modernidade”, com a entrada dos absolutismos monárquicos desprendidos da ordem política e espiritual, mas como nova classe sacerdotal que se comporta analogamente aos dux dos antigos Impérios Cosmológicos.

O RIO CÁRSICO

Como apontamos no início deste artigo, a gnose é cársica, ora aparece ora desaparece de diferentes modos e formas, ideologias e agentes.

O esquema do milenarismo e do historicismo secular pós Joaquim de Fiore revelam, em casos concretos e contemporâneos, a dialética da Serpente entre o globalismo ocidental transumanista e o Eurasianismo neofascista e gnóstico de Alexandr Dugin e de seus asseclas russófilos.

A tentação de um esvaziamento, culminação e superação históricos perpassam toda a história humana e reencontram-se ora de maneira unívoca, ora de maneira equívoca, de maneira transversal e de fato com meras aparências de um fim do mundo.

Contudo, Cristo dizia: unicamente o Pai. Ora, Cristo sendo o Logos, a Inteligência Divina, propugna que o fim depende da Vontade do Pai e

não dos nossos juízos e esquemas ideológicos, sejam quais forem. Eis a tentação da Serpente na História: parodiar as palavras de Cristo e os feitos do Pai para dar um sentido próprio à sua miséria e ódio à criação.

APARIÇÕES

“SOU AQUELA QUE ESTÁ
NA TRINDADE DIVINA”

Regina Milites

*A aparição da Virgem de La Fontane,
Roma, chamada Nossa Senhora da
Revelação, ocorreu em 12 de abril de
1947 a um protestante inimigo da
Igreja, confirmando uma aparição
anterior que previa a eleição de Pio
XII.*

Na cidade italiana de Tre Fontane, lugar conhecido pelo martírio de São Paulo, um jovem maquinista de bonde chamado Bruno Cornacchiola, de 33 anos, havia ido com os três filhos pequenos depois

de ter perdido o trem que o levaria à cidade de Ostia. Com os filhos Isola de 10 anos, Carlo de 7 anos e Gianfranco de 4 anos, ele parou em um lugar tranquilo e arborizado, debaixo de um pé de eucalipto, onde as crianças brincavam com uma bola enquanto Bruno redigia, com a ajuda da sua Bíblia, um texto para uma conferência que faria. O tema era a negação do dogma da virgindade de Maria Santíssima, um ataque que faria na igreja protestante que frequentava contra a Virgem, a Igreja e o Papa.

Em dado momento, a bola que as crianças brincavam foi parar dentro de uma gruta e elas o chamaram. Indo ajudá-las, Bruno deixou de lado o bloco de anotações em que redigia a sua conferência anticatólica...

Bruno havia se tornado protestante após ter contato com a propaganda de um militar alemão luterano durante o período em que serviu na Guerra Civil Espanhola. Desde então, pertencia à “Igreja Adventista”, da qual se tornou pastor. Foi quando converteu-se ao protestantismo que,

tomado de ódio pela Igreja, comprou o punhal com o qual planejava matar o Pontífice. Chegando em casa, obrigou a esposa, Iolanda, a converter-se também à heresia. Católica, ela tenta o convencer do contrário, mas termina por obedecer ao marido, tendo como única esperança a prática da devoção ao Sagrado Coração de Jesus das primeiras sextas-feiras do mês durante nove meses.

No momento em que vai até a gruta para ajudar as crianças, Bruno as encontra ajoelhadas e com as mãos postas, repetindo: “Bela Senhora, Bela Senhora”. Assustado e sem ver nada que as crianças estivessem vendo, tenta movê-las do lugar, sem sucesso. Então clama “Deus, salvai-nos”, pensando estar diante de um fenômeno estranho. É o momento em que caem de seus olhos o véu do seu ódio e ele enxerga diante dele a Bela Senhora vista pelas crianças.

Ele vê diante dele a Bela Senhora, de pés descalços e apoiados sobre um bloco de terra. Com olhar pesaroso e benigno, a Senhora tinha os cabelos negros e cobertos por um manto esverdeado como

a grama primaveril, cingida na cintura por uma faixa rosada.

Com voz suave, ela se apresenta:

“Sou a Virgem da Revelação. Você me persegue, agora basta. Retorna ao Redil Santo”.

A mãe de Deus aparece com um livro cinza na mão direita, a Sagrada Escritura, e com a mão esquerda indica uma veste preta sacerdotal no chão, perto de uma cruz despedaçada.

“Sou aquela que está na Trindade Divina. Sou a Virgem da Revelação. Tu me persegues. Mas agora, basta! Entra para o santo redil, a corte celeste na terra. Obedece à autoridade do Papa”

Após esta mensagem, a visão desaparece lentamente e Maria Santíssima sorri para ele, dando dois passos enquanto desaparece enquanto um doce perfume invade a gruta.

A veracidade e autenticidade da aparição, que serviu ao Magistério e também ao próprio Bruno, era o sinal de que deveria procurar um sacerdote e dizer-lhe: “padre, eu tenho que falar-lhe”, procurando por meio dele retornar a Deus e à Sua Igreja. Maria Santíssima o dissera que, quando perguntasse ao padre, este lhe responderia com um “Ave Maria, filhinho”.

Ela lhe disse ainda:

“As nove sextas-feiras ao Sagrado Coração que fizeste, forçado pelo amor de tua fiel esposa, antes que tu tomasses definitivamente a estrada do erro, te salvaram!”

Em 12 de abril daquele mesmo ano de 1947, Bruno procura rapidamente o sacerdote indicado, rezando a noite inteira em súplica à Bela Senhora que o ajudasse. A conselho de sua esposa Iolanda, Bruno vai à Paróquia de Todos os Santos e, na sacristia, procura pelo padre, dizendo-lhe como a Senhora o havia indicado.

A resposta do padre foi uma confirmação mais do que evidente de que Bruno precisava: “Ave Maria, filhinho”, disse o padre Frosi, exatamente como a Virgem dissera que seria. Este padre o indicava ainda um segundo, padre Gilberto Carniel, que fica responsável pela formação catequética que preparará Bruno e sua esposa ao seu retorno à Igreja, o que acontece finalmente em 7 de maio de 1947. A Virgem o havia informado ainda que um segundo padre lhe seria indicado e que, ao final, deveria tratar com o próprio Papa, o que Bruno não compreendia como seria, mas guardou em seu coração.

ENCONTRO COM O PAPA E CONFIRMAÇÃO DE UMA APARIÇÃO ANTERIOR

Alguns anos mais tarde, Bruno recebeu uma oportunidade dos céus. O Santo Padre, o Papa Pio XII, rezou um terço com os maquinistas de Roma em sua capela privada, ocasião em que Bruno estava presente. Ao final, o Papa disse aos presentes: “Algum de vocês quer falar comigo?”

Bruno se aproxima e, ajoelhando-se, pede perdão por ter tido um dia a intenção de assassinar o Papa, entregando-lhe a Bíblia protestante que portava no passado junto do punhal com a inscrição no cabo, onde lia-se: “a morte ao Papa”.

Disse-lhe, então, o Pontífice:

“Caro filho, com isso você não teria feito outra coisa senão dar um novo mártir a Igreja e um novo Papa”.

Bruno então comunicou a mensagem da Virgem ao Papa. Isso esclareceu muitas coisas ao próprio Papa, que já conhecia, através da vidente Luigina Sinapi (1916 – 1978), que alguns anos antes, em 1937, houve uma aparição de Nossa Senhora na mesma gruta. Naquela ocasião, Ela disse a Sinapi:

“Eu retornarei a esse mesmo lugar para converter um homem que lutará contra a Igreja de Cristo e desejará assassinar o Santo Padre”.

A Virgem deu instruções à vidente de 1937 dizendo:

“Vai agora à Basílica de S. Pedro e lá encontrarás uma religiosa que te fará conhecer o seu irmão, que é um cardeal. A ele debes levar a mensagem. Deverás dizer ao cardeal que logo mais ele será o novo papa”.

Sinapi obedeceu à Virgem e foi à Basílica, encontrou a marquesa Pacelli, irmã do cardeal Eugenio Pacelli. O cardeal depois de ouvi-la, disse: “Se são flores, florirão”.

Sendo assim, compreende-se a razão de o Papa ter acreditado rapidamente na história de Bruno em La Fontane e, alguns meses depois, deu a sua bênção à imagem da Virgem Maria que seria colocada na Gruta.

A história da devoção à Nossa Senhora da Revelação, celebrada em todos os dias 12 de abril desde 1947, é uma evidência da necessidade de veneração da Mãe de Deus aos protestantes hereges, assim como aos demais enganados que buscam um

princípio supra-religioso ou indiferentismo em Maria Santíssima. A história também confirma a importância da devoção das primeiras sextas-feiras do mês dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus, cuja promessa é a salvação da alma.

ORAÇÃO ENSINADA POR NOSSA
SENHORA A BRUNO CORNACCHIOLA

Mãe Santa, Virgem da Revelação, faz com que o rio da misericórdia de Deus Pai, a correnteza do Sangue Preciosíssimo de Jesus, os raios de fogo do Espírito Santo possam acompanhar-me, por meio de Vós, nessa via do mundo do pecado, que somente percorremos na nossa existência carnal, para ser, no aprender o amor divino, transformados à semelhança de Jesus, nosso Salvador e Irmão nos planos de amor, e como Vós que viveis nos Céus, com o Pai, na glória celeste. Amém!

“Sou a Virgem da Revelação... Estou junto à justiça divina, o muro reparador da ira divina.”

“Todos aqueles que se colocam debaixo do meu verde manto da misericórdia serão por mim protegidos.”

GNOSE
QUANDO AGEM COMO
LOBOS ENTRE AS OVELHAS
(A IMPOSTURA
PERENIALISTA)

Walter Arruda

Participar da missa com altivez, tratando-a como um rito menor, constituinte de um ciclo externo (exotérico), de seus arranjos esotéricos, na perspectiva de iniciados é erro gravíssimo de irreverência perante o Santíssimo Sacramento e à missa como um todo. Não passa de zombaria imunda. Caracteriza o mais profundo orgulho diabólico, afronta o mistério sagrado celebrado no altar.

As presentes palavras, motivadas pela razão de existir do *Regina Milites*, e em maior parte inspiradas pela ação devocional ao Santo Arcanjo Miguel, celebrada na última Quaresma rezada, resultam como frutos de graças alcançadas. Repercutem, em nosso entendimento, como fortaleza no propósito e missão.

Que Nosso Senhor Jesus Cristo, na sua misericórdia infinita, permita o concurso de São Miguel Arcanjo, príncipe das milícias celestes, contra as ações do dragão em sua peçonha perenialista e suas derivações sutis, bem como do gnosticismo antigo, que em torrentes complementares, adere em arranjos provisórios ou duradouros na empanação dos engodos que todos os dias deixam de fora — multidões presunçosas de pretensos intelectuais, orgulhosos de toda monta, e revoltados febris contra a sagrada ordem por Deus concebida — da segurança da Santa Igreja Católica.

Chefe das milícias angélicas, guardião da Igreja Católica, o principal entre os primeiros, vencedor de satanás. A Sua resposta — Quem como Deus?

— é eterna. Dada ao grito *Non Serviam*, proferido pelo fraudador pai da mentira, prefigura a separação definitiva entre o joio e o trigo. Esta mesma resposta esmaga as presunções gnósticas, as delirantes insistências perenialistas. São Miguel Arcanjo nos ensina a melhor postura combatente diante dos vícios recorrentes encrostados nos espíritos vacilantes, arrastados pelo perenialismo em suas óticas de infiltração recalcitrante no meio da Barca de Pedro.

Quando insistem em escalar a torre de babel, confiantes numa pretensa realização espiritual transmitida primeiro pela exposição a esquemas simbólicos, e depois em contato com a influência espiritual diabólica, buscam a superação do plano salvífico da Santíssima Trindade, decantam e instilam o mistério da iniquidade em seus corações e mentes, negando com insistência a Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo e a Remissão dos nossos pecados através da Sua Vitória na Santa Cruz.

Que São Miguel Arcanjo reforce a necessidade de vigilância constante e do apelo à proteção divina contra as forças demoníacas que ameaçam a Igreja e

a grande parte da humanidade, quebre as couraças da ingratidão e resistência por parte de todos aqueles que cercarem O Santíssimo com intenções ofensivas provenientes da astúcia e da dissimulação.

Muitos são os perigos que envolvem aqueles que desejam ser companheiros, neófitos, mestres, magisters, magos, aprendizes de seitas, irmandades ou ordens iniciáticas esotéricas. Alguns não se dão conta de estarem entre as fileiras dos perdidos, que por orgulho e cegueira revolucionária não se curvam ao Príncipe da Paz, descrito pelos Santos Profetas, anunciado à Virgem pelo Anjo, revelado pela Encarnação e Ressurreição. O mesmo que nos deixa claro: “Mas não vos façais chamar rabi, porque um só é o vosso Mestre, e vós sois todos irmãos.” Irmãos segundo o batismo e a união ao corpo místico da Santa Igreja.

Nosso Senhor Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Caso tenham percorrido alguns desses desvios ao inferno e pactuado com as trevas voluntariamente

ou involuntariamente, afastem-se, abjurem suas práticas, busquem a conversão, o sincero arrependimento e o perdão do Divino Redentor. Não sigam agindo como lobos em meio ao rebanho.

Santo Irineu de Lyon nos alerta contra as heresias gnósticas. Estas deturpam e se opõem à Sã Doutrina. A fé está resguardada desde a Tradição Apostólica, na autoridade da Santa Igreja. O Santo apologista refutou as bravatas fraudulentas dos gnósticos dos primeiros séculos da era cristã, que ao promoverem a busca por um conhecimento esotérico em terreno nebuloso e escorregadio, em detrimento da obediência aos ensinamentos tornados públicos pelo próprio Cristo, se assemelhavam aos que montavam acampamento fora do tabernáculo, prestando culto a divindades abominadas pelo Divino Pai Eterno. Prática recorrente desde antes e após a Anunciação e da Revelação do Salvador. O absoluto que ofusca os perenialistas enseja a unificação de opostos primordiais, isto é: a conciliação com o mal, e a prevalência orgulhosa deste, na busca por uma

unidade anterior ao instante que antecedeu o “Não Servirei” proferido pelo vil adversário. Conduz seus adeptos a vislumbrarem o esplendor do pavão luciferino desde o brado da sua rebelião.

Hoje, na era da hiperinformação do mundo conectado, os erros dentre aqueles que dizem ter encontrado a gnose espalham-se em miscelâneas quase inabarcáveis. Há quem se porte com algum comedimento cínico, amparado pela arrogância que se revela no tom de desdém com que tratam a Verdade Católica em seus sorrisos amarelos, sob a aura inebriante do perenialismo. Uma nova vaga a envolver homenzinhos de três décadas, vexados em filiareem-se na busca por difusos atavismos ancestrais, parece ter sido formada. Em suas almas, fincam anzóis satânicos ao ensinarem a rejeição à Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo, O Primogênito de Deus. Esta onda neopagã prioriza tradições satânicas acerca da Revelação Divina, promove certa elitização espiritual ao defender que apenas alguns podem ter acesso ao verdadeiro conhecimento. Sua busca por uma “Tradição Primordial” pode resultar em sincretismos que

distorcem A Verdade Revelada, obstruindo o acesso à integridade da Fé Católica.

A idolatria perenialista pelo rei do mundo conduz à filiação ao adversário de Deus, dos Anjos, da divindade e humanidade de seu diletíssimo Filho e da majestade de Nossa Senhora, inimiga da serpente. Ansiar por percorrer as veredas do rei do mundo ensina o acesso a um pretenso conhecimento superior, adquirido mediante o mergulho perenialista em uma tradição que tempera todas as religiões em pretendida unidade transcendente, apartando, completamente, o indivíduo da fonte da Graça Santificante.

Participar da missa com altivez, tratando-a como um rito menor, constituinte de um ciclo externo (exotérico), de seus arranjos esotéricos, na perspectiva de iniciados é erro gravíssimo de irreverência perante o Santíssimo Sacramento e à missa como um todo. Não passa de zombaria imunda. Caracteriza o mais profundo orgulho diabólico, afronta o mistério sagrado celebrado no altar. É fundamental aproximar-se do altar com um

coração humilde, reverente, reconhecendo que estamos diante do mistério da Encarnação e da Redenção de Cristo. A advertência apostólica nos exorta: “portanto todo aquele que comer este pão ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado quanto ao (delito cometido contra o) corpo e sangue do Senhor”.

A presunção de superioridade, comum entre perenialistas e gnósticos em geral, é uma manifestação orgulhosa que leva à cegueira espiritual e à incapacidade de reconhecer a verdadeira e única fonte de salvação. O orgulho diabólico se opõe ao caminho de humildade que deve caracterizar a perfeição cristã. Aqueles que se aproximam da missa com essa mentalidade elitista se colocam em uma posição desastrosa. Ao vangloriarem-se de terem alcançado um pretenso conhecimento superior, lançam-se distantes do acesso ao mistério de Cristo. Ele nos ensina sobre a verdadeira reverência através de seu exemplo: “humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até à morte, e morte da cruz”. Essa humildade deve ser

nosso modelo ao participarmos da missa: “Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes”.

A soberba e a presunção são inimigas da fé verdadeira; ao contrário, a humildade e a reverência são condições necessárias à autêntica comunhão com Cristo. “Pela fé reconhecemos que o mundo foi formado pela palavra de Deus, de sorte que o visível foi feito pelo invisível.” Não através de iniciações esotéricas que prometem um suposto conhecimento superior de um monolito absoluto, voltado a lançar seus adeptos nas chamas infernais, transformando-os em estafetas do belial.

EIS O LOBO

WOLFGANG SMITH:
CIÊNCIA, PERENIALISMO E
GNOSE CRISTÃ²

Marcos Akira d'Ávila

Uma característica dos escritos perenialistas é a sutileza com excessiva “sofisticação intelectual”, que pode induzir a alma a cair na soberba, levando a pessoa desavisada a adentrar em sendas espirituais perigosas, movida pelo fascínio de um suposto conhecimento superior oculto

² Artigo publicado como ressalva indispensável e reparação à imprudente publicação do texto do referido autor na edição anterior, como mencionado no editorial da presente edição do Regina Milites.

Wolfgang Smith foi um matemático, físico e filósofo, conhecido principalmente pelo seu trabalho de interpretação das teorias científicas modernas, notadamente da física quântica, cosmologia e evolucionismo. Falecido recentemente, em julho de 2024, deixou nesta área um legado que não pode ser desprezado, tendo em vista a importância do tema e a sua contribuição relevante à filosofia da ciência, dado o seu profundo conhecimento científico e filosófico. Declaradamente católico, Wolfgang Smith atuou em círculos importantes da escola tradicionalista ou perenialista, tendo contribuído na revista “Sophia: The Journal of Traditional Studies”, onde muitos capítulos de seus livros são reimpressões de artigos publicados nesta revista. Seus principais livros que abordam a interpretação das teorias científicas estão traduzidos para o português e estão difundidos em meios católicos no Brasil e no exterior.

Fazendo contraposição às interpretações científicas e materialistas, que são praticamente

hegemônicas no meio científico das universidades e que permeiam a sociedade em geral como critério de verdade, Wolfgang Smith propôs uma ontologia buscando esclarecer o que são os objetos estudados pela ciência, apoiando-se nas filosofias platônica, aristotélica e escolástica e, em certa medida, na filosofia hindu. Combateu o cientificismo materialista nesses tempos em que é lugar comum a crença de que a chamada “comprovação científica” é a palavra final em qualquer discussão sobre qualquer assunto. Longe de ser o único, muitos autores de influência tomista também trataram do problema da interpretação das teorias científicas desde a primeira metade do século passado, como Pierre Duhem (em certa medida) e Jacques Maritain e, mais recentemente, William A. Wallace e Edward Feser.

Em suas principais obras, o ponto de partida é a crítica à filosofia cartesiana e de como ela está incorporada na cosmovisão do cientista, mesmo que esta não seja necessária para a boa prática científica. Ele argumenta que a *weltanschauung* (cosmovisão) científica admite sem ressalvas a

chamada bifurcação cartesiana, que postula que somente aquilo que possui extensão pode ser conhecido objetivamente (*res extensa*), reduzindo as qualidades não quantificáveis como puramente subjetivas (*res cogitans*).

Em seu “O Enigma Quântico”[1], publicado originalmente em 1995, e talvez o seu livro mais conhecido, Smith apresenta uma abordagem que demonstra que os objetos estudados pela física não são de fato objetos corpóreos reais, mas sim objetos abstraídos de toda qualidade, contendo apenas os elementos quantificáveis, chamados objetos físicos. Assim, a física lidaria com os objetos físicos, que corresponderiam à *materia signata quantitate* (matéria marcada pela quantidade) dos escolásticos, chegando à conclusão de que os objetos da física quântica deveriam ser entendidos como uma potência (no sentido aristotélico), indo de encontro com o entendimento de Werner Heisenberg sobre o que seriam os entes quânticos. O objeto físico seria, então, atualizado no processo de medição, onde este ato corresponderia a um modo de causalidade que se dá em níveis

ontológicos distintos, do físico para o corpóreo, que ele chamou de “causalidade vertical”.

Posteriormente, Smith tratou de vários outros problemas da ciência, como a percepção visual, o problema da não-localidade, a cosmologia do big-bang, dentre outros e que estão em livros como “Ciência e Mito” [2] e “A Sabedoria da Antiga Cosmologia”[3]. Também fez críticas ao evolucionismo e aos graves erros em Teilhard Chardin em “Teilhardism and the New Religion”[4], sendo posteriormente revisado e republicado como “Theistic Evolution: The Teilhardian Heresy”[5]. Esses estudos o levaram a ampliar a sua concepção da causalidade vertical, chegando a propor uma ontologia chamada de cosmos tripartido, culminando no que ele chamou de totalidade indivisa, exposta em seus últimos livros “A Ascensão Vertical”[6] e “Física: Uma ciência em busca de uma ontologia” [7]. Segundo ele próprio, trata-se de uma ontologia de base platônica, que seria equivalente à concepção cosmológica da tradição védica, que forneceria uma chave interpretativa para as ciências, incluindo

também as chamadas ciências tradicionais, como a astrologia, definindo o alcance ontológico das ciências modernas.

TRADICIONALISMO E PERENIALISMO

A obra de Wolfgang Smith pode ser vista dentro do contexto da escola tradicionalista ou perenialista. Tendo admitido que René Guénon exerceu nele uma influência considerável, apresentou as suas divergências, principalmente quanto à visão radicalmente negativa de Guénon em relação à ciência moderna, que a considerava como uma forma degenerada de conhecimento.

A crítica à ciência moderna, considerando-a como uma forma inferior de ciência em relação às ciências tradicionais, sempre foi abordada por autores perenialistas importantes, como Titus Burckhardt e Sayeed Hossein Nasr. Em alguns de seus livros, ele aborda o tema das ciências tradicionais e da cosmologia de forma muito próxima a esses autores. Assim, não é possível desvincular o

conjunto da obra de Wolfgang Smith do perenialismo.

Vale dizer aqui que Wolfgang Smith rejeitou a unidade transcendente das religiões de Frithjof Schuon, assumindo uma posição de que seria impossível a convergência das religiões a um “cume” comum; porém, de modo não muito claro, admitia a veracidade das religiões, apesar de não convergentes. Em sua comparação da escatologia védica e cristã com base na totalidade indivisa, ele afirmou:

“há uma distinção categórica a ser feita entre a tradição védica e cristã; e embora não haja nenhum conflito entre as duas – o que significa que ambas podem ser **simultaneamente verdadeiras** –, elas não são de modo algum equivalentes”[7]. [grifo nosso]

Smith também acreditava na existência de uma **tradição primordial**, com base em seus estudos e em suas diversas viagens a locais da Índia e do

Nepal, onde a “cultura McDonald’s não havia ainda penetrado” [8]:

“Estou convencido de que existe uma sabedoria pré-cristã de origem supra-humana, perpetuada em uma corrente ininterrupta de transmissão de mestre a discípulo – começando, possivelmente, com o próprio Adão – cujos vestígios ainda podem ser encontrados em várias partes do mundo. Passei a acreditar, além disso, que a sabedoria em questão – esta verdadeira sophia perennis – é algo de que nós, na época atual, necessitamos urgentemente”. [8]

GNOSE CRISTÃ

Uma obra pouco conhecida de Wolfgang Smith é “Christian Gnosis: From Saint Paul to Meister Eckart” [9].

Trata-se da exposição do que ele considerava ser um autêntico **esoterismo cristão**, que remontaria ao

cristianismo primitivo, estando em conformidade com a doutrina de São Paulo. Apesar de ele não trazer o assunto de forma muito explícita em seus outros escritos, o conteúdo deste livro apresenta **visões heterodoxas**, que também estão presentes no livro “In Quest of Catholicity”[8], que é uma coletânea de correspondências trocadas entre ele e Malachi Martin.

Dentre os conteúdos deste livro, ele dedica um capítulo para expor a **cabala cristã** do período do Renascimento; outro é dedicado à “**gnose de Jacob Böheme**” e dois capítulos dedicados a **Meister Eckart**. Segundo o autor, o estudo do livro

“...não é um exercício acadêmico, mas tem de fato um objetivo eminentemente prático. O próprio conceito de gnose, na medida em que é compreendido, afeta a nossa percepção de tudo o mais. A gnose pode ser comparada ao “ponto no infinito” que – embora inacessível – define uma perspectiva. Virtualmente todo texto

bíblico (de qualquer um dos Testamentos), bem como toda concepção básica de teologia, **revela um sentido oculto e muitas vezes “surpreendente” quando visto “em face da gnose”**”[9] [grifos nossos]

Há no livro uma menção de que o seu conteúdo não seria para todos e que serviria para **peessoas que “precisam de um esoterismo cristão *bona fide***

“que, para alguns, um ensinamento desse tipo pode de fato fornecer o único acesso efetivo para seguir a Cristo. Isto parece ser verdade especialmente no caso dos aspirantes que, de alguma forma, tiveram contato com a sabedoria do Oriente, o suficiente talvez para lhes dar “um gosto da gnose”. Tais pessoas exigem, no plano doutrinário, mais do que um catecismo, mais do que aquilo que as autoridades didáticas da cristandade estão atualmente preparadas para fornecer. Deve-se ainda notar, neste contexto, que a religião cristã

ficou sujeita ao ataque da modernidade de modo mais extenso e com grande ferocidade, do que qualquer outra tradição espiritual, e conseqüentemente sofreu grande devastação. A necessidade de “carne forte” – a gnose doutrinária – dentro do domínio cristão é, portanto, mais aguda do que nunca: perguntamo-nos, de fato, se mesmo o mais valente fideísmo pode resistir por muito tempo ao ataque contemporâneo.”[9]

Creio que as passagens citadas acima não precisam de comentários, pois são autoexplicativas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste artigo foi chamar a atenção sobre a obra de Wolfgang Smith como um todo, mostrando que a sua leitura e estudo requer cuidados e sérias considerações sobre as concepções religiosas e espirituais presentes em sua obra. Para aqueles que têm interesse ou atividade profissional relacionada à ciência, a leitura de Wolfgang Smith

pode ser vista como uma solução ao problema do cartesianismo e aponta para uma restauração da inteligibilidade no conhecimento das ciências naturais.

Porém, deve-se enfatizar que, embora suas obras forneçam chaves e *insights* importantes na filosofia da ciência, os desdobramentos de sua ontologia também devem ser examinados em suas consequências espirituais. Assim, cabe ao estudioso católico ir além e examinar a sua obra também no contexto do perenialismo e de suas incursões no chamado “esoterismo cristão”. Ainda, a sua ontologia do cosmos tripartido e da totalidade indivisa, requer um estudo cuidadoso quanto ao seu real alcance metafísico, tal como defendido por ele em seus livros. Uma característica dos escritos perenialistas é a sutileza com excessiva “sofisticação intelectual”, que pode induzir a alma a cair na soberba, levando a pessoa desavisada a adentrar em sendas espirituais perigosas, movida pelo fascínio de um suposto conhecimento superior oculto.

REFERÊNCIAS

- [1] W. Smith; “O Enigma Quântico”; Vide Editorial, 2011. (Publicado originalmente em 1995)
- [2] W. Smith; “Ciência e Mito”; Vide Editorial, 2017. (Publicado originalmente em 2010)
- [3] W. Smith; “A Sabedoria da Antiga Cosmologia”; Vide Editorial, 2017. (Publicado originalmente em 2003).
- [4] W. Smith; “Teilhardism and the New Religion”; Tan Books and Publishers, Inc, 1988.
- [5] W. Smith; “Theistic Evolution: The Teilhardian Heresy”, Angelico Press/ Sophia Perennis, 2012
- [6] W. Smith; “A Ascensão Vertical: Das Partículas ao Cosmos Tripartido e Além”; Ed. Speculum, 2022. (Publicado originalmente em 2021)

[7] W. Smith; “Física: Uma ciência em busca de uma ontologia”; Vide Editorial, 2024 (Publicado originalmente em 2023).

[8] W. Smith; “In Quest of Catholicity: Malachi Martin Responds to Wolfgang Smith”, Angelico Press, 2016.

[9] “Christian Gnosis: From Saint Paul to Meister Eckart”; Sophia Perennis, 2008.

TRADIÇÃO DA SERPENTE

ALQUIMIA E CAOS – UM
REFLEXO DAS ANTIGAS
HERESIAS

André Figueiredo

Durante a cerimônia de abertura das olimpíadas na França, uma vasta simbologia de ordem pagã e revolucionária foi exibida para todo mundo. Provavelmente a parte mais controversa foi a adaptação da cena de um quadro de um pintor holandês Jan Harmensz van Bijlert sobre o tema "O Festim dos deuses" [Figura 1] e que não tinha nada a ver com a "Última Ceia" de Leonardo da Vinci. Bijlert, calvinista estabelecido em Utrecht, que visitara a Itália e se deixou influenciar por Caravaggio, resolveu pintar o festim dos deuses, em plena contra-reforma (Guerra dos Trinta Anos), quando católicos e protestantes se enfrentavam

cruelmente nos campos de batalha e disputavam sem quartel as questões teológicas nos púlpitos e nos livros, mas ao contrário do que faziam os seus colegas católicos, resolveu repor o Festim em torno de uma mesa, ao modo da icónica "Última Ceia".



Figura 1 - O Festim dos deuses, Jan Harmensz van Bijlert .

Mas o que significa este Festim? Resumidamente, é a prima representação do caos, a história é narrada na Odisseia por Homero. Acontece quando Zeus organizou um banquete para a celebração do casamento de Peleu e Tétis, futuros pais de Aquiles. Éris, a deusa da discórdia, não foi convidada e, irritada com esse ultraje, chegou ao local do banquete e jogou uma maçã dourada com a inscrição “à mais bela”. As três deusas que a reivindicaram, provocando discussões furiosas, foram Hera, Esposa de Zeus, Atena e Afrodite. Falaram com Zeus para convencê-lo a escolher a mais bela entre elas, mas, sem saber a quem entregá-la, estabeleceu que o único que poderia decidir quem era a mais bela, seria o mais belo dos mortais, isto é, Páris, o príncipe desavisado de Tróia, que foi favorecido pelo deus Ares. Hermes foi incumbido de levar as três deusas ao jovem troiano, que ainda vivia entre os pastores e conduzia as ovelhas ao pasto e, tal como Satanás tentando Nosso Senhor no deserto, cada uma delas lhe prometeu uma recompensa em troca da maçã:

Atena o tornaria sábio e imbatível na guerra, permitindo-lhe superar todos os guerreiros; Hera prometeu imensa riqueza e poder, tanto que povos inteiros se submeteriam ao seu gesto, e tanta glória que seu nome ecoaria até as estrelas; Afrodite teria concedido a ele o amor da mulher mais linda do mundo, Helena. Prísceps cedeu à última tentação, desencadeando a ira das outras duas deusas. A deusa do amor ajudou então Páris a sequestrar Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta, e isso foi o estopim para a Guerra de Tróia.

É interessante observar como esse mito teve importância durante a Idade Média e Renascimento. Podemos citar, como um dos desdobramentos do casamento de Tétis que inspiraram o Festim dos deuses outra obra, O Julgamento de Páris. Podemos observar uma das versões [Figura 2] do Alemão, amigo íntimo de Martinho Lutero, Lucas Cranach, o Velho.



Figura 2- O Julgamento de Páris, Lucas Cranach

Os nazistas tinham um interesse particular em Cranach, levando a reivindicações de restituição de colecionadores judeus, que tiveram várias de suas obras saqueadas. Os nazistas saquearam o Retrato de João Frederico I (guarde esse nome que vamos precisar dele para aprofundar um pouco na história da reforma), Eleitor da Saxônia, de Cranach, do colecionador de arte judeu Fritz Gutmann antes de assassiná-lo, mas foi recuperado mais tarde por seu neto Simon Goodman. O Cupido Reclamando a Vênus, de Cranach, tornou-se parte da coleção pessoal de Hitler. O díptico Adão e Eva tem sido o foco de uma disputa legal entre os herdeiros do

antigo proprietário, o colecionador de arte holandês Jacques Goudstikker, e o museu Norton Simon na Califórnia. Porém, das obras de Cranach, O Julgamento de Páris tinha um significado especial para Hitler, que o colocou acima de sua lareira de sua casa de campo, numa posição de destaque. Inclusive, para nomear seus oficiais, Hitler pesquisava a genealogia de seus soldados, nomeando apenas aqueles que eram descendentes dos que lutaram contra os católicos.

A razão do interesse de Hitler pelo Julgamento de Páris, de Cranach, era seu simbolismo alquímico. Mas antes de fazer uma análise da obra, vamos aprofundar um pouco mais no período da reforma e das influências de Lutero. Entre seus amigos na universidade de Wittenberg, cidade da pregação das teses de Lutero na porta da igreja de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517, estava Lucas Cranach, o Velho, um pintor renascentista alemão elogiado por Albrecht Dürer. Cranach foi pintor da corte dos eleitores da Saxônia durante a maior parte de sua carreira e é conhecido por seus retratos, tanto de príncipes alemães quanto dos

líderes da Reforma Protestante, cuja causa ele abraçou. Ele era um amigo próximo de Martinho Lutero, fazendo vários retratos dele, e forneceu ilustrações em xilogravura para sua tradução alemã da Bíblia. Ao longo de sua carreira, Cranach pintou vários temas nus tirados da mitologia, incluindo Vênus, Lucécia, ninfas adormecidas, as Três Graças e o Julgamento de Páris — um tema popular entre o corpo docente de Wittenberg. Em *De alchimia*, escrito por Valentin Hernworst, a ilustração mais marcante é um Julgamento de Páris, como uma alegoria de um passo decisivo na Grande Obra, a fabricação da Pedra Filosofal, que compartilha detalhes marcantes com a xilogravura de Wittenberg de Nikolaus Marschalk em Wittenberg. Cranach assinou suas obras com suas iniciais até 1508, quando João Frederico I, que além de ter mandado projetar a famosa Rosa de Lutero [Figura 3], que se tornou um símbolo amplamente reconhecido do luteranismo, enquanto Lutero estava hospedado na Fortaleza de Coburgo durante a Dieta de Augsburgo, lhe concedeu o uso da serpente com asas de morcego, que ostenta uma coroa vermelha na cabeça e segura

na boca um anel cravejado de um rubi [Figura 4], um símbolo alquímico que denota o significado da serpente alada, que, como símbolo do pecado, pudesse ser uma referência ao seu sobrenome (Cranach é derivado de “Kronach”), que pode ser uma síntese para aceleração do tempo, referindo-se à forma latina Chronus e seu anel, com o qual Cranach ocasionalmente assinava seus trabalhos. Pode-se acrescentar que o alado pode ser um símbolo representativo de velocidade, pois de acordo com bestiários, em Aratia havia serpentes aladas, a mais rápida de todas as criaturas; tal serpente foi chamada de laculus, um nome que poderia ter sido visto como um criptograma para Lucas.



Figura 3 - Rosa de Lutero



Figura 4 – Selo de Cranach

Retornando ao Julgamento de Páris de Crarnach, fica-se impressionado com o estranho fato de que nela, Mercúrio é retratado como um homem idoso com barba branca, usando um cocar com a crista de dois pavões alimentando-se de um objeto que se assemelha a uma fruta branca com sementes vermelhas, como uma romã, mas que provavelmente pretende representar um ovo quebrado com uma gema vermelha. Mercúrio de barba branca, cujo homônimo "Mercúrio branco" é o ingrediente mais importante no estágio final da Fabricação da Pedra Filosofal, foi colocado aqui mais centralmente do que em qualquer uma das outras versões, e a bola de vidro — um recipiente

alquímico, também referenciado por Tolkien como a Palantir — que ele segura na mão, em vez da tradicional Maçã da Discórdia, está quase exatamente no centro de toda a composição. Ele usa mangas pretas e uma saia vermelha com sua armadura pseudoclássica dourada, demonstrando em sua própria pessoa o esquema de cores — preto-branco-vermelho-ouro — da Grande Obra. Sua estranha crista de dois pavões no capacete, se alimentando de um ovo quebrado com uma gema vermelha dificilmente poderia ser outra coisa senão um símbolo da Cauda do Pavão, o estágio em que a Pedra Filosofal vermelha emergiria do Ovo.

A alquimia é baseada na crença na transmutação de materiais, particularmente de metais. Todos os materiais foram pensados para serem compostos pelos Quatro Elementos: Terra, Água, Ar e Fogo, representando para nossa compreensão do estado sólido da natureza, estado líquido, estado gasoso e energia. Pensava-se que esses elementos estavam presentes em todos os materiais em proporções diferentes; a perfeição seria encontrada no ouro incorruptível. Todos os

materiais foram considerados mutáveis, com base na evidência de que os metais sólidos poderiam ser liquefeitos pela aplicação de fogo na fundição, ou que poderiam ser transformados em estado gasoso na vaporização. Para chegar ao objetivo e transformar a matéria básica no material perfeito, o ouro, uma matéria-prima adequada, teve que passar por três estágios principais de purificação, que por sua vez consistiam em sete a doze etapas cada (calcinação, solução, separação, conjugação, putrefação, coagulação, cibação, sublimação, fermentação, exaltação, multiplicação e projeção).

Para os alquimistas, na Grande Obra, a matéria poderia ser purificada durante o primeiro estágio — até putrefactio, necessariamente uma pré-condição como morte mística para a ressurreição subsequente, despojando suas características impuras, reduzindo-a à matéria prima, e para liberar seu espírito inato, ou “centelha de vida”. No final do primeiro estágio, a matéria ficou preta em putrefação (nigredo), mas logo a escuridão seria aliviada por um aspecto estrelado como o céu à noite. Na etapa seguinte, a matéria

tornou-se branca (albedo) e, segundo algumas autoridades, adquiriu a qualidade de produzir prata, o metal da lua, com uma fase de transição em que apareceu uma súbita explosão das mais belas cores. No estágio final, a matéria ficou vermelha (rubedo) e adquiriu a qualidade de transformar metais comuns em ouro, mudando suas composições elementares com perfeição. A maior dificuldade em encontrar a fórmula para a Pedra Filosofal foi que os manuais davam apenas dicas veladas sobre a natureza da matéria-prima; eles poderiam chamá-la de "algo a ser encontrado em todos os lugares" e "algo considerado sem valor para qualquer" um, menos para um "iniciado". Outros sugeriram começar a Grande Obra com a "saliva da Lua", o "sêmen das estrelas" ou o VITRIOL — *Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem* ("visite o interior da terra e na medida certa você encontrará a pedra secreta").

Páris vestido de vermelho - como "Rei vermelho" ou "Enxofre vermelho" - está sentado sob a Árvore da Alquimia de três braços, que tem dois galhos murchos para as etapas importantes e

necessárias da putrefação; a cristalina Fonte Hermética emerge na base. Condizente com um contexto alquímico, a Árvore é um carvalho, porque o Fogo Rápido foi alimentado com carvão de carvalho, e a árvore atrás da varinha de Mercúrio é um salgueiro. porque o combustível para alimentar o Fogo Lento era carvão de salgueiro. Até mesmo o corcel branco pode ter outro significado "secreto", por mais absurdo que possa parecer, porque o Fogo Lento, isto é, o aquecimento prolongado logo acima da temperatura ambiente, foi criado pela fermentação de esterco de cavalo. O Corcel Branco também remete ao mitológico Pegasus, sobre o qual o poeta Hesíodo apresenta uma etimologia popular, derivado de pege, 'fonte, poço', referindo-se aos "pégasos de Okeanos, onde ele nasceu". Aqui podemos traçar uma referência aos Lusíadas de Camões, quando o Corcel Branco "faz brotar" a fonte em Coimbra e as Ninfas autorizam seu épico. O Fogo Secreto, que foi essencial para a conquista final, foi descrito descrito por Smith e Gnudi em *The Pirotechnia of Vannoccio Biringuccio: Translated from the Italian with an Introduction and Notes* (New York, 1942),

como “o fogo que consome sem deixar cinzas, que é mais poderoso do que qualquer outro fogo, e cujo ferreiro é o grande filho de Vênus”. É, naturalmente, representado por Cupido com suas asas vermelhas de fogo. Deve-se ressaltar que o Cupido de Cranach tem asas vermelhas apenas em suas pinturas do Julgamento de Páris; em suas numerosas outras representações de Cupido, como ladrão de mel, ou como companheiro de Vênus, suas asas são brancas, azuis claras ou multicoloridas. Se considerarmos os muitos detalhes no Julgamento de Páris, podem ser interpretados como símbolos alquímicos misteriosos, pode ser o toque final notar que a paisagem de fundo mostra as duas montanhas, o Rauenstein (a "Pedra Bruta", isto é, a matéria prima) e o Lilienstein (a "Pedra do Lírio"), além do rio Elba, cujo nome latino é Albis. Esses nomes, de montanhas e rios, se referem ao albedo, o estágio da Grande Obra. Além do Rauenstein e Lilienstein, existem outros locais geográficos nesta área que podem ser interpretados em termos alquímicos: Königstein — Pedra do Rei (aqui temos uma ligação simbólica interessante com a obra da Pedra do Reino de Ariano Suassuna,

um marco para o messianismo brasileiro), Grosser Bärenstein e Kleiner Bärenstein — Grande Pedra do Urso e Pequena Pedra do Urso (Urso — o vaso de alambique). A Pedra Filosofal é chamada de der Stein der Weisen em alemão, convidando a um jogo de palavras com wise (sábio) e Weiss (branco). A aldeia no sopé do Rauenstein, em linha reta entre o Rauenstein e Lilienstein, chama-se Weissig.

Voltemos a Hitler. A Casa de Campo de Hitler, próxima da montanha Untersberg, para onde Hitler passava muitas horas olhando de seu escritório em Berghof, onde construiu sua Teehaus, ou Casa do Chá, e pendurou seu Julgamento de Páris sobre a lareira. Para compreender a mística nazista, é importante citar Otto Rahn, que se tornou membro pleno das SS em 1936. Rahn chamou a atenção de Himmler por seu livro Cruzada Contra o Graal, que se tornou leitura obrigatória para os oficiais da SS. Rahn especulou que o tesouro possuído pelo Graal representava os tesouros dos judeus capturados por Alarico e depois pelo general bizantino Belisário, conforme relatado por Procópio. Rahn estava

convencido de que o Papa Inocêncio III havia iniciado a Cruzada Albigense como uma cruzada contra o Graal, que ele acreditava estar escondido na fortaleza cátara de Montsegur, que ele equiparou ao castelo do Graal de Munsalvaesche de Wolfram. Himmler foi enviado por Hitler em 1937 para tentar localizar o tesouro de Alaric, que se acredita ter sido enterrado com ele sob o rio Busento, na Itália. Himmler pensou que o Santo Graal ajudaria a Alemanha a vencer a guerra e lhe concederia poderes sobrenaturais. Himmler veio a Montserrat inspirado na ópera Parsifal de Richard Wagner, que menciona que o Santo Graal poderia estar guardado no “maravilhoso castelo de Montsalvat nos Pirineus”. No Parsifal de Wagner, tanto a Lança Sagrada, que perfurou o lado do Redentor na Cruz, como o Santo Graal, que captou o sangue que corria, vieram a Monsalvat para serem guardados pelos Cavaleiros do Graal sob o governo de Titurel, pai de Amfortas. Embora outros tenham afirmado que era Montségur na França, acreditava-se amplamente nos círculos nazistas que este castelo era Montserrat, uma crença reforçada pelo fato de a primeira

apresentação da ópera ter sido realizada no Liceu Opera House em Barcelona em 1913. Himmler usou o castelo renascentista em Wewelsburg, no norte da Alemanha, como castelo do Graal e local de culto central da SS, onde oficiou em uma espécie de coven de doze membros nomeados da SS, e realizou cerimônias pagãs. O ponto focal do complexo de Wewelsburg era o Obergruppenführersaal, referindo-se aos doze generais da SS de mais alto escalão originais. Era uma câmara forrada de pedra com doze pilares e nichos, na qual Himmler instalara uma mesa redonda de carvalho arturiana para acomodar os doze. Uma roda solar de doze raios, conhecida como Sol Negro, foi embutida no chão, representando o Saturno oculto. Também existe uma tradição alemã de que os Templários receberam ordens para formar uma seita ocultista secreta no sul da Alemanha, Áustria e norte da Itália, conhecida como “Die Herren vom Schwarzen Stein” – Os Senhores da Pedra Negra – ou o acrônimo DHvSS, para abreviar, e isso é dito ser o verdadeiro significado oculto por trás da criação da organização S.S. Schutzstaffel nazista.

Dizia-se que o Santo Graal (“Ghral” é pedra sagrada, persa-árabe), era um cristal preto-violeta, meio quartzo, meio ametista, através do qual os Poderes Superiores se comunicavam com a humanidade. Foi entregue à guarda dos cátaros e contrabandeado para fora da última fortaleza em Montsegur, França, e escondido por quatro mulheres cátaras na noite de 14 de março de 1244. Há uma lenda cátara que 700 anos após a destruição da religião cátara, o Santo Graal seria devolvido aos seus legítimos detentores, DHvSS ou SS. Pode ser interessante notar a esse respeito que a Casa de Chá projetada por Hitler e construída no topo do Mooslahnerkopf em Obersalzberg, o pavilhão de pedra ainda de pé hoje, tem uma notável semelhança com Montsegur, fortaleza dos cátaros, quando vista de certos ângulos.

Na atualidade, esse cenário que fomentou o ocultismo nazista foi inventado por participantes de uma tradição oculta conhecida como Sinarquismo, desenvolvida no final do século XIX. O Sinarquismo exerceu uma influência formativa no século XX. Paradoxalmente, tanto o

Sinarquismo quanto o Nazismo, bem como as doutrinas relacionadas da Teosofia, são todos baseados nos ensinamentos místicos da Cabala judaica. Toda a história, do Êxodo ao Cativeiro Babilônico, é um rol de críticas repetidas e duras aos judeus por sua rebeldia em não cumprir os Dez Mandamentos e adorar os deuses pagãos de nações estrangeiras. Em particular, eles eram culpados por se apropriar da adoração dos deuses cananeus Baal, equiparado ao Sol, e sua irmã-esposa Astarte, equiparada a Vênus. Em 597 a.C., os babilônios conquistaram o Reino de Judá, destruíram o Templo de Salomão e levaram a população para o cativeiro na cidade da Babilônia, durante o qual uma interpretação do judaísmo conhecida como Cabala foi desenvolvida, cujos praticantes foram erroneamente identificados com os Magos Babilônicos. Como Franz Cumont e Joseph Bidez demonstraram em *Les Mages Hellénisés* (“Os Magos Helenizados”), esses chamados Magos não eram sacerdotes da religião persa do zoroastrismo ortodoxo, como foi falsamente presumido, mas sim de uma versão herética *daeva* ou adoradora de demônios (corpos brilhantes), influenciada pela

astrologia, magia e numerologia. Já em 539 a.C., os judeus se beneficiaram da tolerância de Ciro, o Grande que, por sua vez, conquistou a Babilônia e permitiu que os judeus retornassem à Terra Prometida e reconstruíssem seu templo, desta vez conhecido como Segundo Templo. Os Magos seguiram a expansão dos judeus não apenas de volta à Palestina, mas à Grécia, onde contribuíram para a ascensão da filosofia grega, particularmente Pitágoras e Platão, e ao Egito, dando origem ao hermetismo, falsamente atribuído a um lendário sábio antigo chamado Hermes Trismegisto.

Com as conquistas dos romanos, essas novas tendências convergiram na cidade de Alexandria, conhecida pelos estudiosos como a "Era do Sincretismo". O neoplatonismo, derivado do pensamento de Platão, tornou-se a teologia dos Mistérios Antigos, particularmente os Mistérios de Mitra, um culto desenvolvido por uma confluência das famílias da dinastia Júlio-Claudiana de Imperadores Romanos, a Casa de Herodes, a Casa de Comagena na Turquia e os Reis-Sacerdotes de

Emesa na Síria. O hermetismo era o ramo "prático" do misticismo, dando origem à alquimia.

Para concluirmos, é necessário retornarmos novamente a Lutero. Em 1521, Frederico, o Sábio, irmão de João da Saxônia, protegeu Martinho Lutero após sua excomunhão pelo Papa Leão X, escondendo-o no Castelo de Wartburg após a Dieta de Worms convocada pelo imperador Carlos V. No final da Dieta de Worms, o Édito de Worms condenou Lutero como "um notório herege" e proibiu os cidadãos do Império de pregar suas ideias. Temendo por sua vida, Lutero escapou para o castelo de Wartburg. Foi na Dieta de Worms que Lutero se encontrou pela primeira vez com Filipe I de Hesse. Filipe abraçou o protestantismo em 1524 após um encontro pessoal com Philipp Melanchthon. Lutero informou a Melanchthon que João Frederico o havia visitado pessoalmente na fortaleza de Coburg e lhe presenteou com um anel de sinete, presumivelmente exibindo o Selo com a Rosa de Lutero. Lá, Lutero dedicou seu tempo a traduzir o Novo Testamento do grego para o alemão, além de outros escritos polêmicos.

Lutero relatou que muitas vezes foi assediado pelo diabo durante sua estada em Wartburg. Despertado pelo diabo uma noite, Lutero supostamente se defendeu contra Satanás jogando um tinteiro nele. No entanto, a afirmação de Lutero de que ele “expulsou o diabo com tinta” é geralmente atribuída à sua tradução da Bíblia, e não às lutas noturnas em Wartburg. A mancha de tinta na parede do quarto de Lutero em Wartburg ainda era visível durante o século passado. Nessa tradução, Lutero acha importante remover alguns livros da Bíblia, Como Macabeus I e II, Judite e, dentre outros, trechos de Ester e Daniel. Uma coisa interessante a ser observada é que são justamente livros que narram o cativeiro da Babilônia. Em 1525, Lutero se casou com a ex-freira Katharina von Bora, com Melanchthon e Cranach e sua esposa como testemunhas, e Lutero e a nova esposa se mudaram para um antigo mosteiro, “The Black Cloister”.

Outro fato interessante é que João Frederico I, que foi um dos líderes da Reforma foi derrotado. Em 1546, com a ajuda de Fernando I, o irmão mais

novo de Carlos V, Maurício, casado com a Sobrinha de Filipe I, invadiu as terras de João Frederico I na Saxônia, iniciando a breve Guerra de Esmalcalda. Em 24 de abril de 1547, as forças de Carlos V derrotaram a Liga de Esmalcalda na Batalha de Mühlberg, capturando muitos líderes, incluindo, mais notavelmente, João Frederico I. Filipe I se rendeu em maio. Após a vitória, Maurício ganhou o Eleitorado para a linha Albertina da Casa de Wettin, e João Frederico I teve que ceder território e o eleitorado a ele. Embora preso, João Frederico I foi capaz de planejar uma nova universidade, que foi fundada por seus três filhos em 1548 como a *Höhere Landesschule* em Jena. Após a outra universidade que criou, onde estudaram Lutero, Cranach e Melanchthon, João Frederico I fundou a universidade onde, quase três séculos depois, surge a primeira "Original Burschenschaft" (em alemão: Urburschenschaft), fundada no ano de 1815. A Burschenschaft era composta por antigos combatentes das guerras contra Napoleão Bonaparte, que haviam retomado seus estudos, em 1815, na Universidade de Jena, entre eles Karl Ludwig Sand, narrado no Romance

histórico de Alexandre Dumas Pai e que, Segundo Gustavo Barroso, não era outro senão Julius Frank que, no Brasil funda a conhecida e revolucionária Burschenschaft Paulista, a Bucha, que organiza a irmandade revolucionária entre os estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

